

Todo opção pdf difícil formas barra pronome acho risco
podemos presentes citações
blusa vezes italiano estratégias caso Usei dizer homens
etc falas inclusive termos masculino colocar
Maria binarismo escrever Corréa lugar gênero feminino
pronomes grupo de ser linguagem categoria
melhor Algumas escritores leitura pode pessoas usar muitas
Catarina majoritariamente análise chegou Barbara porque fazer dia Tentei feministas Juno leitoras
grupos concordaram neutros indivíduo autor generificar mundo Gramsci acessível esperou Usar
referindo duas nasceu autor forma mundo Gramsci trabalho textos usando cinco

Literatura



INSTITUTO EDUCACIONAL
VERA CRUZ

INOVANDO COM TRADIÇÃO

Professor: Izabel Nóbrega



“Casar assim pensamento com o sentimento, a ideia com a paixão, colorir tudo isso com a imaginação, fundir tudo isto com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia - A Poesia grande e santa - A Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem poder traduzir”.

Gonçalves Dias

Contexto histórico Cultural

A Revolução Francesa

O Romantismo é um movimento que configura um estilo de vida e de arte predominante na Civilização Ocidental, no período compreendido, aproximadamente, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX. Reflete, no campo artístico, as profundas transformações históricas do período, marcado pelo apogeu do processo de transferência da liderança histórica da aristocracia para a burguesia.

Esse processo se deflagrou com maior intensidade a partir do advento do Iluminismo, da divulgação de suas propostas pelos enciclopedistas, culminando com a REVOLUÇÃO FRANCESA. A partir daí, os ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” ecoam pelo mundo todo, anunciando transformações. Os donos do poder não são mais o Clero e a Nobreza, e o sangue azul deixou de ser a condição indispensável para o reconhecimento da sociedade. No processo revolucionário de tomada do poder, a burguesia contou com o apoio do povo, das classes mais humildes, o que dá à Revolução um cunho popular-burguês.

A ascensão das classes médias provoca um deslocamento do público consumidor da Literatura, que passa a ser o burguês e não mais o nobre. Por isso, a arte clássica, aristocrática, seria substituída pela arte romântica, de cunho nacional e popular. É notório que as camadas populares não tinham grande preparo intelectual, não eram cultas, o que as fazia incapazes de assimilar a erudição clássica, as sutilezas do torneio verbal, a disciplina rigorosa de composição, as alegorias fundadas na cultura greco-romana, especialmente na mitologia. Este novo público leitor buscava uma expressão artística que fosse, ou uma forma de entretenimento, ou projeção de seus gostos e anseios. O aparecimento do publicado com periodicidade regular pela imprensa, explorando a complicação sentimental, a intriga, o mistério, a aventura, ancestral das novelas de radiodifusão e televisivas atuais, expressa essa tendência. A palavra-chave do Período Romântico foi “Liberdade”, no campo político, pela superação do Absolutismo; no campo econômico, pelo Liberalismo do “Laissez faire laissez passer”; no campo artístico, pela derrocada das regras e preceitos clássicos – “ni règles, ni modèles” – proclamava Victor Hugo, um dos arautos da nova estética.

“Metamos o martelo nas teorias, nas poéticas e nos sistemas. Abaixo esse velho reboco que mascara a fachada da arte, nada de regras nem de modelos”.

Victor Hugo

As Origens do Romantismo e as Influências Europeias

As primeiras manifestações do Romantismo podem ser localizadas: Na Alemanha, onde o vigor e o gênio de Goethe marcam, a partir de Werther, o início da ruptura com a preceptiva clássica, ao lado de outros, que comungam no espírito da “Sturn Und Drang” (tempestade e violência), nome que se dá ao movimento que antecede o Romantismo Alemão, insurgindo-se contra os rigores do Classicismo.

Na Inglaterra, com a poesia melancólica subjetiva de Young e com a reabilitação da poética medieval. Tem grande influência, na nossa literatura, o romance histórico medieval, criado por Walter Scott, cujo “Ivanhoé” serve de modelo aos heróis de José de Alencar, e a poesia do “spleen” (nostalgia) de Byron, modelo constante do negativismo, do tédio e do satanismo de Álvares de Azevedo e seus seguidores.

Na França, onde, já nos iluministas (Rousseau e Diderot) o convencionalismo é alvo da rebeldia dos “novos”, Chateaubriand redescobre as belezas do cristianismo, sobrepondo-se à mitologia dos poetas árcades. Com Atala, valoriza as sugestões de paisagem americana, que José de Alencar assimilou no seu Iracema. Os cantos de Vigny, a lira amorosa, naturista e religiosa de Lamartine e as confissões de Alfred Musset ecoam na poesia brasileira da primeira à última fase do movimento romântico. A poesia social rebelde e declamatória de Victor Hugo, e seu romance de denúncia da opressão do proletariado - *Os Miseráveis* - plasmaram a retórica de Castro Alves. Também as narrativas passionais de Georges Sand e o romance de aventura de Alexandre Dumas deixaram marcas no gosto literário brasileiro. Cabe notar que a França de Napoleão Bonaparte foi o centro irradiador das ideias do liberalismo e do gosto artístico romântico. À medida que os exércitos napoleônicos avançavam, iam inoculando, na Espanha, em Portugal, na Itália, na Bélgica, na Rússia, os germens das novas ideias. No Brasil, a emancipação política fez com que declinasse a influência portuguesa, pela absorção de modelos franceses e ingleses.

No Brasil, foi particularmente importante o Romantismo, pois constitui um elemento decisivo na evolução não só da literatura como também da própria cultura brasileira.

Didaticamente falando, o ano de 1836 marca o início do Romantismo brasileiro, quando Gonçalves de Magalhães publica seu livro de poesias *Suspiros Poéticos e Saudades*, e lança, em Paris, juntamente com Araújo Porto-Alegre, Torres

Homem e Pereira da Silva a Niterói - Revista Brasiliense, em que as novas ideias românticas são divulgadas. No entanto, devemos reconhecer que já se percebiam certas características românticas em obras de autores anteriores, além de alguns fatos que iam contribuindo para a formação de um ambiente propício ao desenvolvimento e aceitação das ideias românticas.

Podemos dizer que os autores do Arcadismo brasileiro, além de se utilizarem dos artifícios típicos da estética neoclássica (imitação de autores gregos e latinos, uso da mitologia pagã, etc.) já expressavam em suas poesias, alguns elementos que seriam depois explorados pelos românticos, como, por exemplo: o elogio da vida em natureza, livre das agitações sociais e mundanas; exaltação de aspectos da natureza brasileira (flora e fauna); expressão sentimental de estados de alma, etc.

Além desses aspectos, é preciso lembrar que já existia, desde o século XVI, muita coisa escrita sobre o Brasil pelos viajantes e missionários, principalmente, em que eram frequentes os elogios às nossas riquezas naturais, à bondade natural do indígena, o que muitas vezes dava a impressão de que a terra brasileira era um verdadeiro paraíso.

Necessário ainda destacar a importância, para o desenvolvimento do Romantismo, da vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, pois os atos de D. João VI, têm importância fundamental para a evolução da nossa cultura: a abertura dos portos; a criação de bibliotecas, de escolas superiores; a permissão para o funcionamento de tipografias (de onde surgiria o jornalismo,

importante agente cultural no século XIX). Além disso, as sucessivas levadas de imigrantes portugueses contribuíram para a formação de um público cada vez maior que procurava, na literatura, a representação de seus próprios dramas sentimentais, mais ou menos como faz o público de hoje, com relação ao cinema e à televisão.

Contemporânea ao movimento de Independência de 1822, a Literatura Romântica sempre expressou sua ligação com a política e, ao lado da euforia da liberdade e do desejo de construção de uma pátria brasileira, surgiu também o desejo de criação de uma literatura brasileira; o esforço para essa realização, como afirma o crítico Antônio Cândido, era visto como um “ato de brasilidade”.

A influência do Romantismo foi também muito importante na linguagem literária. Reivindicando a liberdade de expressar as peculiaridades e as diferenças da fala brasileira, alguns autores procuraram criar o que se poderia chamar de “estilo literário brasileiro”, isto é, um modo de sujeitar a língua portuguesa à sensibilidade brasileira.

Temos, em resumo, que o Romantismo, no Brasil, se revestiu de características próprias, pois, coincidindo com a época de nossa autonomia, acabou se tornando uma espécie de estilo da vida cultural do país, considerando-se o escritor um porta-voz da sensibilidade popular e dos anseios políticos e sociais da coletividade.

Características do Romantismo

Subjetivismo

Representa um dos traços fundamentais dessa estética o “culto do eu”. O artista traz à tona o seu mundo interior com plena liberdade. Não há mais a preocupação com modelos clássicos e universalizantes; é a vitória do indivíduo, da sua visão de mundo, do seu impulso criador. É a exposição triunfal do homem interior em suas fantasias, aspirações e intuições.

Vagabundo

Eat, drink, and love; what can the rest avail us?
(Byron, *Don Juan*)

“Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De painéis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo à lua”.

Álvares de Azevedo

Sentimentalismo

O sentimento passa a ser considerado o grande valor da vida, pois somente através dele consegue-se expressar o interior do indivíduo. Esta ênfase ao lado sentimental do ser humano culminará numa visão intimista e egocêntrica da vida cuja medida mais exata chamar-se-á “impulsos do coração”.

Esse predomínio do sentimento sobre a razão, a princípio, parecia equilibrado; porém, com o passar do tempo, houve um exagero tal que chegou a tomar “proporções de epidemia, degenerando numa tristeza vaga, numa insaciedade tediosa e docemente mórbida: o mal do século”.

“O Romantismo reduz toda poesia ao lirismo, como forma natural e primitiva, oriunda da sensibilidade e da imaginação individuais da paixão e do amor. Poesia tornou-se sinônimo de autoexpressão.”

Afrânio Coutinho

Este Inferno de Amar

“Este inferno de amar - como eu amo!
Quem mo pôs aqui n’alma... quem foi?
Esta chama me alenta e consome,
que é a vida - e que a vida destrói

Como é que se veio a atear.
Quando - ai quando se há de ela apagar?
Eu não sei, não me lembra o passado,
a outra vida que dantes vivi

Era um sonho talvez... - foi um sonho -
Em que paz tão serena a dormir!
Oh! que doce era aquele sonhar
Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o Sol tanta luz!
E os meus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? eu que fiz? - Não o sei.
Mas nessa hora a viver comecei... ”

Almeida Garret

“Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo

Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! Nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre o meu peito!”

Álvares de Azevedo

Evasão ou Escapismo

O choque das aspirações do escritor com a realidade que o cerca, faz com que ele “fuja” para um mundo à base do sonho e de emoções pessoais. A sua imaginação dá-lhe a possibilidade de criar, diante dessa insatisfação, o seu universo, decorrente de uma visão pessoal da realidade. Foge para um lugar de sonhos onde a imaginação corre à solta, sem rédeas, sem leis, sem proibições.

E, do inevitável confronto desse mundo utópico com o real a única solução é a evasão, que se processa em três níveis: no tempo, no espaço e na morte.

Evasão no tempo

Se a época contemporânea o leva ao conflito, procura no passado (individual ou histórico) as situações consideradas ideais. No Plano Histórico, ele vai descobrir a Idade Média com seus elementos pitorescos, misteriosos e lendários.

A Idade Média identifica as origens da nacionalidade, a matriz cultural de cada povo. O romântico vai em busca da personalidade, dos traços individuais que distinguem as nações.

Vai existir a valorização das tradições populares, da história de cada país que passam a servir de temática para dramas e romances.

Essa atitude trouxe ao Romantismo do Brasil o Indianismo - a exaltação do índio - que, muitas vezes, aparece como um legítimo cavaleiro medieval, o super-herói romântico e/ou elementos do Brasil-colônia.

“Valente na guerra
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?

Guerreiros, ouvi-me;
Quem há, como eu sou?

Na caça ou na lide,
Quem há que me afronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O inimigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.

Quem há mais valente,
Mais destro do que eu?”

Gonçalves Dias

A Religiosidade

Recupera-se a religiosidade medieval e dá-se mais ênfase ao sentimento da religião, ao senso de mistério e envolvimento que nela se encerram. A ditadura religiosa, imposta através de um conjunto rígido de dogmas, racionalmente propostos pelo classicismo, foi substituída então por uma concepção pessoal da religião.

“Deus! ó Deus! onde estás que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrela
tu t'escondes Embuçado nos céus?”

Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?”

Castro Alves

“Quando ao sopé da cruz me chego aflito,
Sinto que o meu sofrer se vai mingando,
Sinto minha alma que de novo existe,
Sinto meu coração arder em chamas,
Arder meus lábios ao dizer teu nome.”

Gonçalves Dias

Evasão no Plano Individual

Valorização da infância como um tempo feliz e estável. A sociedade atuaria como um elemento corruptor do elemento humano (Rousseau), daí a supervalorização da criança e do selvagem como modelo de pureza e inocência.

“Oh! que saudades que tenho
Da Aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
sombra das bananeiras, Debaixo dos laranjais!”

Casimiro de Abreu

Evasão no Espaço

Natureza – o romântico vai encontrar na natureza o lugar de refúgio, de tranquilidade, onde o seu espírito pode encontrar a paz. Ele verá a natureza como um prolongamento de seus sentimentos e de sua alma; será sua musa e sua confidente, participante e companheira. Ela não mais será “apenas cenário” como era no contexto árcade.

“É bela a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrelas recamado;
Mas nessa escuridão, nesse silêncio
que ela consigo traz, há um quê de horrível

que espanta e desespera e geme n'alma;
Um quê de triste que nos lembra a morte!"

Gonçalves Dias

"Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num polo e noutro polo,
Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos
Na indômita cerviz trêmulos cravo,
E esse rugido teu sanhudo e forte
Enfim medroso escuto!"

Gonçalves Dias

Gosto pelo Exótico e Pitoresco – procurando novas situações, o romântico vai a terras distantes, onde a sua imaginação e fantasia chegam às raias do sobrenatural. As florestas virgens, as paisagens orientais, os locais ermos e soturnos passam a favorecer a solitária vida do romântico.

"Amo o silêncio, os areais extensos,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a sombra é triste,
Porque minh'alma é de ilusões vazia."

Fagundes Varela

Gosto pelas Ruínas – porque elas representam a vitória da natureza sobre a ação do homem.
Gosto pelo Noturno – que vai de encontro à atmosfera de mistério, tão a gosto romântico. A esse fato acrescentam-se as imagens de cemitérios solitários, paisagens enlazaradas - ambiente propício à fantasia e à imaginação, favorecidas pelo valor que os objetos adquirem.

"Que horrenda noite!... que pavor me cerca!
Por toda parte mil fantasmas se erguem
De espesso fumo, sem cessar vibrando
Olhos de brasas.
Naquele vale de ciprestes negros
Zunem os ventos com furor não visto...
Daquela rocha, murmurando, o rio
Se precipita."

Gonçalves Dias

Evasão na Morte

A morte é vista como a evasão das evasões, como a solução definitiva para o mal de viver. O poeta convive com ela, idolatra-a e vê nela a libertação da sua angústia de viver.

"Era-lhe a vida uma comédia insípida
Estúpida e sem graça ele a passava
Com a fria indiferença do marujo
Que fuma o seu cachimbo reclinado
Na proa do navio olhando as vagas
- Vivia por viver... porque vivia."

Fagundes Varela

"Pensamento gentil de paz eterna

Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dois fantasmas que a existência formam,
- Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Por isso, ó morte, eu amo-te, e não temo
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo.”

Junqueira Freire

Idealismo – Mulher – Herói – Mundo Mulher – é a criatura ideal, um misto de anjo, santa e mulher em torno da qual gravitam todas as qualidades femininas: carinhosa, fiel, formosa, prendada, centro de todas as atenções e delicadezas. Figura poderosa e inatingível, capaz de mudar a vida do homem, de levá-lo à morte e à loucura.

Soneto

“Pálida, à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens de amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!”

Álvares de Azevedo

Herói – o Herói Romântico não se contenta com o mundo em que vive, é rebelde e desafiador. Julga-se diferente de outros homens, é solitário e, dificilmente, encontra lenitivo para essa revolta e solidão.

“Meu herói é um moço preguiçoso
Que viveu e bebia porventura
Como nós, meu leitor, se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura

Esgotara seu lábio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura...
Era pálida sim... mas não d'estudo;
No mais... era um devasso e disse tudo.”

Álvares de Azevedo

Os países do Novo Mundo não conheceram o Medieval. Mas urgia criar um passado heroico, uma tradição, que sustentasse o elo nacionalista. Descobriu-se o índio, que passou a significar, para as literaturas americanas, o mesmo que o cavaleiro medieval; o herói lendário, nobre, altruísta, guerreiro fiel aos deveres de seu clã. Por isso, o Peri de José de Alencar se parece mais com *Ivanhoé* do que com os nossos sofridos tupis, guaranis, etc. Salientamos também o antagonismo existente em Peri, selvagem das matas brasileiras, possuidor de uma força que

supera os limites humanos, mas, ao mesmo tempo, uma criatura terna, amável, capaz de amar platonicamente a bela Ceci.

“Então passou-se sobre esse vasto deserto de água e céu uma cena estupenda, heroica, sobre-humana um espetáculo grandioso, uma sublime loucura.

Peri alucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das árvores já cobertas de água, e com um esforço desesperado cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até as raízes.

Três vezes os seus músculos de aço, estorcendo-se inclinaram a haste robusta, e três vezes o seu corpo vergou, cedendo a retração violenta da árvore, que voltava ao lugar que a natureza lhe havia marcado.”

O Guarani, José de Alencar

Mundo – “com que os poetas sonhavam e construíram perfeito. Para onde pudessem fugir buscando lenitivo ao seu sofrimento.”

“Oh! céu de minha terra - azul sem mancha
- Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens doiradas que correis no acaso,
Névoas da tarde que cobria o monte

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagoa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquilas que morreis na areia.”

Casimiro de Abreu

Ilogismo

A exacerbação do subjetivismo faz com que os românticos acreditem em si mesmos e nos mundos que criam, guiados pela intuição, mesmo quando essa atitude fere a lógica e a razão. Daí decorre o ilogismo, a instabilidade emocional, traduzida em atitudes antitéticas e paradoxais: alegria/tristeza, entusiasmo/depressão, desejo/ auto-punição.

“Ó páginas da vida que eu amava,
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...
Ardei, lembranças doces do passado!
Quero rir-me de tudo que eu amava!”

Álvares de Azevedo

“Quando junto de ti eu sinto às vezes
Em doce enleio desvairar-me o siso,
Nos meus olhos incertos sinto lágrimas...
E por te amar, por teu desdém - perdi-me...”

Tresnoitei-me em orgias macilento,
Brindei blasfemo ao vício e da minh'alma
Tentei me suicidar no esquecimento!”

Álvares de Azevedo

Liberdade de criação e despreocupação com a forma

Libertando-se dos modelos clássicos, os românticos abandonam as formas fixas (são raros os sonetos, odes, oitavas, etc.); a obrigatoriedade da rima, valorizando o verso branco; negam e fundem os gêneros literários, abandonando a sistematização, impondo o desaparecimento de alguns gêneros, como a epopeia clássica, a tragédia, a comédia e propiciando o surgimento de outros, como o drama, o romance de costumes.

Uma conquista importante dos autores românticos foi a renovação e o enriquecimento da língua, com a incorporação de neologismos, e a tentativa de aproximação entre a língua literária e a linguagem oral e coloquial. A superação do rigor linguístico dos clássicos possibilitou uma dicção mais compatível com o gosto e o entendimento do leitor da época.

“Frouxo o verso talvez, pálida a rima.
Por estes meus delírios cambaleia,
Porém odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!

Quanto a mim é o fogo quem anima
De uma estância o calor quando formei-a,
Se a estátua não saiu como pretendo,
Quebro-a - mas nunca seu metal emendo.”

Álvares de Azevedo

Romantismo no Brasil

Além do conjunto de características comuns ao Romantismo europeu, é possível apontar no Romantismo brasileiro alguns traços específicos.

Cor Local

Corresponde à utilização poética de nossa Natureza tropical, com sua variedade de aspectos, oposta a dos países europeus. A descrição da paisagem local indica a tomada de consciência e a afirmação daquilo que é característico em cada país. Casimiro de Abreu afirma:

“O filho dos trópicos deve escrever numa linguagem propriamente sua - lânguida, como ele, quente como o sol que o abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares...”.

Indianismo

Foi a forma mais representativa de nacionalismo literário. Corresponde, no Brasil, à busca de um legítimo antepassado nacional, já que não possuíamos Idade Média com heróis típicos. Por outro lado, a figura do índio foi idealizada pelos escritores românticos com a finalidade de nivelar esse nosso antepassado ao português colonizador. O índio romântico é sempre bom, nobre, bonito e cavaleiro generoso. Segundo Dante Moreira Leite, o indianismo tinha conteúdo ideológico.

“O índio foi, no Romantismo, uma imagem do passado e, portanto, não apresentava qualquer ameaça à ordem vigente, sobretudo à escravidão. Os escritores, políticos e leitores identificavam-se com esse índio do passado, ao

qual atribuíam virtudes e grandezas; o índio contemporâneo que, no século XIX, como agora, arrastava-se na miséria e na semiescravidão, não constituía um tema literário”.

Não podemos esquecer, ainda, que o indianismo se articulava com uma proposta europeia mais ampla; a ideia do bom selvagem. No caso do Brasil, o índio representava a concretização desse homem em estado natural, ainda não “corrompido” pela civilização.

Exercícios

1. Complete o quadro com as características românticas que se opõem às apresentadas:

Classicismo – Neoclassicismo – Romantismo

- ✓ Culto à antiguidade Greco-latina _____
- ✓ Imitação dos modelos clássicos _____
- ✓ Mitologia pagã _____
- ✓ Arte é imitação _____
- ✓ Mundo Real _____
- ✓ Predomínio da razão _____
- ✓ Natureza como cenário _____
- ✓ Equilíbrio-Moderação _____
- ✓ Linguagem comedida _____
- ✓ Imparcialidade _____
- ✓ Homem universal _____
- ✓ O lógico e objetivo _____
- ✓ Manutenção das formas fixas _____
- ✓ Visão objetiva de mundo _____

2. Identifique nos fragmentos abaixo, características românticas que neles predominam:

- a) “Ó anjo do meu Deus, se nos meus sonhos
A promessa do amor me não mentia,
Concede um pouco ao infeliz poeta
Uma hora da ilusão que o embebia!”

Junqueira Freire

- b) “E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro.”

Álvares de Azevedo

c)

“Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
sombra de uma cruz - e escrevam nela:
Foi poeta - sonhou - e amou na vida.”

Álvares de Azevedo

d)

“Morrer...quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas;
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas.”

Castro Alves

e)

“Aqui sobre esta mesa junto ao leito
Em caixa negra dois retratos guardo.
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite: neste exílio
Venero-os juntos e os prefiro unidos

Meu pai e minha mãe –
Se acaso um dia
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguém.
Sobre meu peito
Lancem-os em meu túmulo mais doce
Será certo o dormir da noite negra
Tendo no peito essas imagens puras.”

Álvares de Azevedo

f)

“Meu amor...Meu amor é um delírio...
a volúpia, que abrasa e consome
Meu amor é uma mescla sem nome.
És um anjo, e minh'alma - um altar

Oh! meu Deus! manda ao tempo, que fuja,
Que deslizem em fio os instantes,
E o ponteiro, que passa os quadrantes,
Marque a hora em que a possa beijar!”

Castro Alves

g)

“Fugiremos à pátria. Iremos longe
Habitar num deserto. No meu peito
Eu tenho amores para encher de encantos

Uma alma de mulher... Por que sorriste?
Sou um louco. Maldita a folha negra

Em que Deus escreveu a minha sina..."

Álvares de Azevedo

h)

"Meu peito de gemer já está cansado,
Meus olhos de chorar;
E eu sofro ainda, e já não posso alívio
Sequer no pranto achar!"

Gonçalves Dias

i)

"Basta!... Eu sei que a mocidade
É o Moisés no Sinai;
Das mãos do eterno recebe
As tábuas da lei! - Marchai!

Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da História
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplam séculos mil!"

Castro Alves

j)

"Não achei na terra amores
Que merecessem os meus,
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu - adeus."

Junqueira Freire

l)

"Sombras do vale, noites da montanha,
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!"

Álvares de Azevedo

m)

"Eu amo a noite quando deixa os montes
Bela, mas bela de um horror sublime,
E sobre a face dos desertos quedos
Seu régio selo de mistério imprime".

Fagundes Varela

O texto dado a seguir é um fragmento do prefácio de *Suspiros Poéticos e Saudades* - obra que introduz o Romantismo brasileiro.

Suspiros Poéticos e Saudades

“Pede o uso que se dê um prólogo ao livro, como um pórtico ao edifício e como este deve indicar por sua construção a que divindade se consagra o templo, assim deve aquele designar o caráter da obra. Santo uso de que nos aproveitamos, para desvanecer alguns preconceitos, que talvez contra este livro se elevem em alguns espíritos apoucados. Um livro de poesias escritas, segundo as impressões dos lugares, ora assentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus, e os prodígios do Cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham sua sombra sobre túmulos; ora enfim refletindo sobre a sorte da Pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida.

São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da Natureza, diversas como as fases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento, e se ligam como os anéis de uma cadeia; poesias d’ alma e do coração e que só pela alma e no coração devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade, uma cidade de ruínas, como repudiado pelos seus; quem no silêncio da noite, cansado de injustiça e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das cousas da vida, e sobre a ordem providencial que reina na história da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro.

Para bem se avaliar esta obra, três causas revela notar: o fim, o gênero e a forma.

O fim deste livro, ao menos aquele a que nos propusemos, que ignoramos se o atingimos, é o de elevar a poesia à sublime fonte donde ela emana, como o eflúvio d’ água, que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso; vingar ao mesmo tempo a Poesia das profanações do vulgo, indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A poesia, este aroma d’ alma, deve de contínuo subir ao Senhor; som acorde da inteligência deve santificar as virtudes, e amaldiçoar os vícios.

O poeta, empunhando a lira da Razão, cumpre vibrar as cordas eternas do Santo, do Justo e do Belo, do reformador da nossa Poesia, nos seus primores d’ arte, nem sempre se apoderou desta ideia. Compõe-se uma grande parte de suas obras de traduções; e quando ele é original causa mesmo dó que cantasse o homem selvagem de preferência ao homem civilizado, como se aquele a este superasse, como se a civilização não fosse obra de Deus, a que era o homem chamado pela força da inteligência, com que a Providência dos mais seres o distinguiu. Outros apenas curaram de falar aos sentidos, outros em quebrar as leis da decência.

Seja qual for o lugar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bela, embalado pelos prazeres; no cárcere, como no palácio, na paz, como sobre o campo da batalha, se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão, e se acha sempre o segredo de encantar os sentidos, vibrar as cordas do coração, e elevar o pensamento nas asas da harmonia até às ideias arquétipas.

O poeta sem religião, e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos aí procuram aplacar a sede.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa, e a América, e só este bálsamo sagrado deve verter os cânticos dos poetas brasileiros.

Uma vez determinado e conhecido o fim, o gênero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a Arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial o entusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração se a Mitologia podia, ou não, influir sobre nós. Contanto que dissessem que as Musas do Helicon os inspiravam, que Fabo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a Aurora abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas, e outras tais e quejandas imagens tão usadas, cuidavam que tudo tinha feito, e que com Homero emparelhavam; como se pudesse parecer belo que achasse

algum velho manto grego, e com ele se cobrisse. Antigos e safados ornamentos, de que todos se servem a ninguém honravam.

Quanto à forma, isto é, à construção, por assim dizer, material das estrofes, e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as ideias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que, a igualdade dos versos, a regularidade das rimas, e a simetria das estâncias produz uma tal monotonia, e dá afeição de concerto artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com sons limitativos, e períodos explicativos.

Quando em outro tempo publicamos um volume das Poesias da nossa infância, não tínhamos ainda assaz refletido sobre estes pontos, e em quase todas estas faltas incorremos; hoje, porém cuidamos ter seguido melhor caminho. Valha-nos ao menos o bom desejo, se não correspondem as obras ao nosso intento; outros mais mimosos da Natureza farão o que não nos é dado.

Algumas palavras acharão neste livro que nos dicionários portugueses se não encontram; mas as línguas vivas se enriquecem com progresso da civilização, e das ciências, e uma nova ideia pede um novo termo.

Eis as necessárias explicações para aqueles que leem de boa fé, e se aprazem de colher uma pérola no meio das ondas; para aqueles, porém, que com olhos de prisma tudo decompõem, e como as serpentes sabem converter em veneno até o néctar das flores, tudo é perdido; o que poderemos nós dizer-lhes? ...Eis mais uma pedra onde afiem suas presas; mais uma taça onde saciem sua febre de escárnio.

Este livro é uma tentativa, é um ensaio; se ele merecer o público acolhimento, cobraremos ânimo, e continuaremos a publicar outros que já temos feito, e aqueles que fazer poderemos com o tempo. Um tributo que pagamos à Pátria, enquanto lhe não oferecemos cousa de maior valia; é o resultado de algumas horas de repouso, em que a imaginação se dilata, e a atenção descansa, fatigada pela seriedade da ciência.

Tu vais, ó livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Pátria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições, onde tudo está gelado, exceto o egoísmo; tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai, nós te enviamos, cheio de amor pela Pátria, de entusiasmos por tudo o que é grande, e de esperança em Deus, e no futuro.”

Adeus!

Paris, julho de 1836
Gonçalves de Magalhães

Lido o texto, identifique as características do Romantismo que ele aponta:

Poesia Romântica

Com finalidade didática, costuma-se dividir os poetas românticos em três gerações:

Primeira Geração

Foi a geração que definiu, implantou e consolidou o Romantismo no Brasil.

Gonçalves de Magalhães (1811-1882)

Introduziu, em 1836, o Romantismo no Brasil com *Suspiros Poéticos e Saudades*, de inspiração francesa, “cujo prefácio, pelas ideias literárias que discutia e defendia, valeu mais que os poemas, de um poeta que ficou sempre nas boas intenções, na boa técnica versificatória e estilística, mas nunca chegou propriamente a sentir poesia romântica”. Dedicou-se à poesia nacionalista e religiosa, inspirando -se também na tristeza e na saudade.

Obras

Suspiros Poéticos e Saudades (1836), *Poesias* (1832), *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição* (1837, tragédia em verso), *Olgiato* (tragédia), *Amância* (novela), *A Confederação dos Tamoios* (1856, poema épico), além de obras de críticas e filosofia.

Gonçalves Dias (1823 -1864)

Nasceu em Caxias, MA, em 1823. Faleceu no naufrágio do Ville de Boulogne (no qual o poeta regressava da Europa, desenganado), nos baixios de Atins, perto do Maranhão, em 1864.

O primeiro poeta “de sensibilidade artística realmente brasileira”. Trazia, por sinal, o sangue das três raças: o pai era português e a mãe, cafuza.

Estudou Direito em Coimbra, onde entrou em contato com os românticos portugueses e estudou as principais literaturas europeias.

Voltou ao Brasil em 1845. No ano seguinte, publicou *Primeiros Cantos*, a primeira obra verdadeiramente romântica no tema e na forma, que o tornou, imediatamente, poeta de primeira grandeza.

De 1846 a 1852, publicou suas obras mais importantes, enquanto ocupou cargos de relevo junto ao Imperador.

Apaixonou-se por Ana Amélia Ferreira do Vale que lhe inspirou belas poesias. Dona Lourença (mãe de Ana Amélia) não permitiu o casamento (1852). Esta recusa foi fatal para o poeta. Embora ele desposasse, posteriormente, D. Olímpia, Ana Amélia continuaria sempre a “mulher carinhosamente amada e nunca esquecida”.

Destacou-se pela correção da linguagem e perfeição da forma.

Obras

Poesias: Primeiros Cantos (1845), *Segundos Cantos* (1848), *Sextilhas de Frei Antão* (1848), *Últimos Cantos* (1851), *Os Timbiras* (1857). *Prosa: Paktul* (drama), *Beatriz Cenci* (1847, drama), *Leonor de Mendonça* (1847, um dos mais belos dramas de nossa literatura), *Boabdill* (drama), *Meditação*, *Memória de Agapito Goiaba*, *Brasil e Oceania* (1852, memória), *Dicionário da Língua Tupi* (1858), além de diários de viagem e de expedições científicas.

Características

Poesia Amorosa – “Amor é vida” - o poeta escreveu e aprovou: Amor e vida foram inseparáveis em sua existência.

Embora tivesse diversos casos de amor, que lhe inspiraram não poucas poesias, sua melhor parte de poemas amorosos gira em torno de Ana Amélia. Até a recusa de casamento temos um poeta otimista, sonhador, cantando o amor, a felicidade, retratando uma alma cheia de afeto e entusiasmo, versejando fácil. São exemplos: *Seus Olhos*, *Leviana*, *Inocência*, *Suspiros*. Depois da recusa (1852), volta-se o poeta para seu íntimo e começa a lastimar seu ingrato destino. Sofre. A mórbida imaginação que possuía, aproxima-o sempre mais da desgraça e da morte. Citem-se: *Se Se Morre de Amor*, *Se muito Sofri já não me Pergunte*, *Ainda Uma Vez - Adeus!*

Observemos os textos

Seus Olhos

“Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes Do mar vão ferir;
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, - mais doce que o nauta

De noite cantando, - mais doce que a fruta
Quebrando a solidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, De vivo luzir.
São meigos infantes, gentis, engraçados Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; - causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos, Às vezes vulcão!
Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco, Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,

E os olhos tão meigos, que o pranto umedece, Me fazem chorar.
Assim lindo infante, que dorme tranquilo, Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas, Não pensa - a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante, Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste

De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos Da Pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros, De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,

Com tanto pudor.
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores Com tanta paixão”.

Ainda Uma Vez - Adeus

I

“Enfim te vejo! - enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

II

Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespia cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III

Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,

Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?

Pois tanto pôde o desgosto

Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que ma darias - bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à população,
Um alvo aos dictérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t' esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T' esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo:
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
'Ela é feliz (me dizia)
Seu descanso é obra minha.'
Negou-me a sorte mesquinha...
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava.
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... - Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
C'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XIV

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora.
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;

Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera,
No meu caminho a pusera...
E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e pr'a sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto Será um
crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, que t' imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,

Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia

Poesia Indianista – É Gonçalves Dias acusado de ter apresentado o índio transfigurado num plano ideal. Observe-se que o indianismo gonçalvino é autêntico, pois o poeta, além de possuir sangue de índio (e fazer indianismo em “legítima defesa”), conheceu, diretamente e através de estudos, o índio americano. Seus índios são nobres, corajosos, cavalheiros.

Lembram muito os cavaleiros da Idade Média. Principais poemas: *I - Juca-Pirama, Os Timbiras* (épico: o autor completou somente quatro dos dez cantos planejados); *O Canto do Guerreiro, Os Cantos do Piaga, Canção do Tamoio*.

Canção do Tamoio

“Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
luta renhida: Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.
Um dia vivemos!

O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e ferroz;
E os tímidos velhos

Nos graves conselhos,
Curvadas as frentes,
Escutam-lhe a voz!
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!

Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!
E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;

Meus versos d’alma arrancados,
D’amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; - e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, - de compaixão.”

Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.
Teu grito de guerra

Retumbe aos ouvidos

D’inimigos transidos
Por vil comoção;
E tremam d’ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.
E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados

Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!
Porém se a fortuna,
Traíndo teus passos,

Te arroja nos laços
Do inimigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranquilo nos gestos,
Impávido, audaz.
E cai como o tronco
Do raio tocado,

Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.
As armas ensaia,

Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.”

Deprecação

“Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velamem de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!
Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande
mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.
E a terra em que pisam e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso
Deus:
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velamem de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.
Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!
E hoje em que apenas a enchente do rio

Cem vezes hei visto crescer e baixar...

Já restam bem poucos dos teus, qu'inda
possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.
Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo o espaço do ar.
Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!
O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,

Buscando um asilo por ínvio sertão!
Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó
Tupã!”

Notas – deprecação = invocação, pedido insistente; denso velame (v.2) = véu espesso, máscara; cruentos (v.10) = sangrentos; vagas sem tino (v.11) = andam sem rumo; trás (v.12) = atrás; voraces (v.22) = ávidos, ambiciosos; pujança (v.15) = força, poder; olhar da manhã (v.22) = alvorada; gume da maça (v.24) = lado afiado da clava, arma dos índios; igaras (v.31) = canoas; Piaga (v.37) = espécie de feiticeiro, sacerdote e curandeiro; ínvio (v.40) = impenetrável; tardança (v.44) = demora; feroz (v.47) = ferozes, cruéis; Anhangá (v.9) = força do mal, o gênio mal da floresta.

Poesia da Natureza – Os críticos insistem em afirmar que G. Dias é panteísta. E com razão, se entendermos por panteísmo a identificação dos sentimentos do poeta com a natureza. Ou mais: a comunhão poeta-natureza. Isto se explica porque o poeta viveu parte de sua infância no sítio Boa Vista, perto de Caxias, onde teve íntima ligação com a natureza, sempre presente em suas obras. Celebrou o amanhecer, o entardecer, o sol, as estrelas, a lua, o céu, as flores, a tempestade, as florestas.

“Salve, ó Lua cândida,
Que trás dos altos montes
Erguendo a fronte pálida,
Dos negros horizontes
As sombras melancólicas
Vens ora afugentar!”

A Lua

“Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo

Entre nuvens d’incenso!”
(A Noite)

Poesia Saudosista – As constantes separações e a distância da pátria e dos amigos fazem com que a saudade repasse a obra de G. Dias. “Canção do Exílio”, que abre *Primeiros Cantos*, a poesia que melhor identifica esse aspecto.

Canção do Exílio

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.”

Poesia Autobiográfica – Muitas poesias gonçalvinas têm por assunto sua vida. De um modo geral, apresentam as horas felizes do passado - poucas e fugidias - contrastando com um presente de sofrimento, de tristeza, de quem se vê vítima do destino. Exemplificam este aspecto as poesias: “Adeus aos Meus Amigos do Maranhão” e “Quadras da Minha Vida”.

Poesia Medieval – Escreveu Sextilhas de Frei Antão, em português arcaico, onde “o Frei celebra, de modo às vezes jocoso, os velhos tempos de fé e valentia do povo português”.

“Bom tempo foy o d’outr’ora
Quando o reyno era christão;
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.”

Segunda Geração

Conhecida como geração byroniana ou geração ultrarromântica, por ter Byron como mito-herói. O mal do século tomou conta desta geração. Compreenda-se por mal do século: subjetivismo exagerado, melancolia perene, constante tédio, pessimismo, vontade de sofrer, verdadeira obsessão pela morte, vontade de fugir desta realidade para um mundo indefinido com que esses poetas sonhavam.

Observa com propriedade D. Fontana que “para ser poeta era necessário sofrer com desespero os embates da paixão desordenada e sentir na vida boêmia os negros pesares do infortúnio; era preciso descrever da felicidade e morrer jovem”.

Álvares de Azevedo (1831-1852) – Nasceu em 1831, em São Paulo, e faleceu em 1852, no Rio de Janeiro, de enterite. Conhecido como o Poeta da Dúvida ou Lacrimoso Perene.

Obras – *Lira dos Vinte Anos* (1853, poesia), *Noite na Taverna* (contos), *O Conde Lopo* (poema), *Macário* (drama), todas póstumas.

Álvares de Azevedo é o poeta que melhor representa o byronismo no Brasil, pois sua obra apresenta as características fundamentais do mal do século. Sem tempo para amadurecer e sentindo a morte próxima, produziu intensa e desordenadamente. Devemos destacar dois temas que, além da dúvida, envolvem suas obras: o amor e a morte. O amor com que o poeta sempre sonhou, buscou incessantemente e não alcançou. O poeta reconhece:

“Oh! se pudesse amar! ...
É impossível
Mão fatal escreveu na minha vida!...”

Álvares de Azevedo não teve amores. Não há notícias de uma só inclinação amorosa. A morte, com que o poeta se encontrou desde criança quando faleceu uma irmã, acompanhou-o sempre e tanto que o poeta a tinha, tragicamente, como noiva e amante.

Lembrança de Morrer

No more! o never more!
Shelly

“Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria

Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;
Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade - é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...

De ti, ó minha mãe! pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!
De meu pai... de meus únicos amigos,

Poucos - bem poucos! - e que não
zombavam
Quando, em noites de febre endoidecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança

De na vida gozar de teus amores.
Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
minha virgem dos errantes sonhos,

Filha do céu, eu vou amar contigo!
Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
sombra de uma cruz, e escrevam nela:

- Foi poeta - sonhou - e amou na vida.
Sombras do vale, noites da montanha,
Que minh'alma cantou e amava tanto,

Protejei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe um canto!
Mas quando preludia ave d'aurora

E quando, à meia-noite, o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...

Deixai a lua prantear-me a lousa!"

Se eu Morresse Amanhã

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria

Se eu morresse amanhã!
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!

Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce na'lva
Acorda a natureza mais louçã!

Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!
Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!"

Soneto

"Perdoa-me, visão dos meus amores,
Se a ti ergui meus olhos suspirando!...
Se eu pensava num beijo desmaiando
Gozar contigo uma estação de flores!

De minhas faces os mortais palores,
Minha febre noturna delirando,

Meus ais, meus tristes ais vão revelando
Que peno e morro de amorosas dores...
Morro, morro por ti na minha aurora
A dor do coração, a dor mais forte,
A dor de um desengano me devora...

Sem que última esperança me conforte,
Eu - que outrora vivia! - eu sinto agora

Morte no coração, nos olhos morte!”

Soneto

“Pálida, a luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!
Era a virgem do mar! na espuma fria
Pela maré das água embalada!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...

Formas nuas no leito resvalando...
Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!”

Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Casimiro de Abreu (1839-1860) – Nasceu em 1839, na fazenda da Prata, Capivari, RJ. Faleceu em 1860, em Indaiá-açu, RJ, de tuberculose. Pai sufocou-lhe todas as pretensões poéticas, obrigando-o a estudar e praticar comércio. Para tanto, Casimiro é enviado a Portugal onde, longe da pátria, roído da saudade, escreve suas primeiras e mais belas poesias.

Obras – *Camões e o Jaú* (1856, cena dramática em verso); *As Primaveras* (1859, poesia). Conhecido como o Poeta da saudade. Os críticos são unânimes em considerar Casimiro de Abreu “o mais popular e o mais brasileiro dos nossos poetas”.

Isto se explica por duas razões:

Seus temas: “flores e estrelas, murmúrios da terra e mistérios do céu, sonhos de virgem, risos e cantigas de criança, trovas de mancebo; e o coração que se inspira sobre o eterno tema do amor”, a saudade, a terra natal, a mãe, a irmã, o lar, a infância, a inocência - temas que tocarão sempre a alma brasileira e, principalmente, a alma jovem e sonhadora.

A linguagem do poeta é de uma simplicidade que chega, às vezes, a ser ingênua. É límpida, espontânea, clara e viva como os sentimentos que traduz. Essencialmente comunicativa.

Meus Oito Anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é lago sereno
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
- Pés descalços, braços nus -

Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas.
Brincava à beira do mar,
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,

A Valsa

“Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa,
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquila,
Serena,
Sem pena
De mim!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!...
Valsavas:
- Teus belos
Cabelos,
Já soltos,
Revoltos,

Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!”

Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No colo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias,
P'ra outro
Não eu!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!...
Meu Deus!
Eras bela
Donzela,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual silfo
Risonho
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso

Tão liso
Que tinhas
Nos lábios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem?!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!...
Calado,
Sozinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na valsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem falas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!
Quem dera
Que sintas

As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas!...
- Eu vi!...
Na valsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Cismavas,
E estavas
Tão pálida
Então;
Qual pálida
Rosa
Mimosa
No vale
Do vento
Cruento
Batida,
Caída
Sem vida
No chão!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!...”

Amor e Medo

I

“Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
- ‘Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!’

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,

E se te fujo é que te adoro louco...
És bela - eu moço; tens amor - eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me intumesce os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes

Eu me estremeço de cruéis receios.
que esse vento que na várzea - ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incêndio

A chama viva que teu riso ateia!
Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,

Diz: - que seria da plantinha humilde
Que à sombra dele tão feliz crescia?
A labareda que se enrosca ao tronco

Torrara a planta qual queimara o galho,
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,

Os braços frouxos - palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz: - que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
Tu te queimaras, a pisar descalça,
Criança louca, - sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paus da terra.

Depois... desperta no febril delírio,
Olhos pisados - como um vão lamento,
Tu perguntaras: - qu' é da minha c'roa?...
Eu te diria: - desfolhou-a o vento!...
Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: traí-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bela - eu moço; tens amor, eu - medo!..."

Fagundes Varela (1841-1875) – Nasceu em Santa Rita do Rio Claro, RJ, em 1841 e faleceu em Niterói, em 1875, de congestão cerebral. Teve o poeta uma infância nômade. O pai era juiz. Já rapaz (em 1859), procura ingressar na Faculdade de Direito. Entrega-se de corpo e alma à boemia. Em 1862 casa-se; mas no ano seguinte, morre-lhe o primeiro filho, Emiliano. Entrega-se ainda mais ao álcool. Em 1865 muda-se para Recife. Morre-lhe a esposa. Abandona os estudos e passa a viver de fazenda em fazenda e pelas cidades próximas à cidade natal. Nem o segundo casamento o corrige.

Obras

Noturnas (1861), *O Estandarte Auriverde* (1863), *Vozes da América* (1864), *Cantos e Fantasias* (1865), *Cantos Meridionais* (1869), *Cantos do Ermo e da Cidade* (1869), *Anchieta ou O Evangelho das Selvas* (1875), *Cantos Religiosos* (de parceria com o irmão) e *Diário de Lázaro* - sendo as últimas duas, póstumas.

Aspectos mais importantes de sua obra:

Poeta Religioso – A obra máxima é *Anchieta* ou *O Evangelho das Selvas* (dez cantos, versos brancos), em que Anchieta narra aos índios a vida, paixão e morte de Cristo.

Deus é uma presença constante na obra do poeta; a Bíblia, o seu grande livro. Esta religiosidade (mais do que religião) era refúgio para os sofrimentos, para a infelicidade, sua constante companheira.

Poeta da Natureza – Até hoje ninguém o superou como paisagista. Seus motivos paisagísticos vão dos “convencionais” (embora grandiosos) como o mar, as serras, o Amazonas, aos mais “rústicos” como o mato virgem, o brejo, a choça, a viola dos tropeiros, passando pelos mais “delicados”: o sabiá, a rola, a borboleta, o vaga-lume.

Poeta do Sofrimento – Foi o sofrimento moral que levou a inspiração de Varela ao ponto máximo. Seu filho Emiliano, morto com três meses de idade, inspirou-lhe “Cântico do Calvário”, a mais bela e perfeita elegia escrita em língua portuguesa. Teve pouquíssimos momentos de alegria e felicidade. A vida foi-lhe ingrata. E o poeta confessa: “Por toda a parte em que arrastei meu manto Deixei um traço fundo de agonias!...”

Varela cantou ainda o amor, com acentos mais realistas do que o fizeram seus coetâneos, em face de maior experiência; foi precursor da poesia social e da poesia abolicionista. Por isto, Varela é considerado poeta de transição entre a segunda e terceira geração.

Cântico do Calvário

À memória de meu filho.
Morto a 11 de dezembro de 1863.

“Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança!... - Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava

Apontando o caminho ao pegureiro!...
Eras a messe de um dourado estio!...
Eras o idílio de um amor sublime!...
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,
Pomba - varou-te a flecha do destino!
Astro - engoliu-te o temporal do Norte!
Teto - caíste! Crença - já não vives!

Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei mais belas
Que os diamantes de Ofir e de Golconda
Fulgurar na coroa de martírios
Que me circunda a fronte cismadora!

São mortos para mim da noite os fachos,

Mas Deus vos faz brilhar, lágrimas santas,
E à vossa luz caminharei nos ermos!
Estrelas do sofrer, gotas de mágoa,
Brando orvalho do céu! Sede benditas!
Oh! filho de minh’alma! Última rosa
Que neste solo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!

Quando as garças vierem do ocidente
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no cerúleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos!
Não mais te invocarei a musa errante
Nesses retiros onde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda

Que refletia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais perdido em vaporosas cismas
Escutarei ao pôr do sol nas serras,
Vibrar a trompa sonora e leda
Do caçador que aos lares se recolhe!” (...)

Ave! Maria!

“A noite desce - lentas e tristes
Cobrem as sombras a serra,
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os gênios: - Ave! Maria!

Na torre estreita de pobre templo
Ressoa o sino da freguesia,
Abrem-se as flores, Vésper desponta,

Cantam os anjos: - Ave! Maria!

No tosco albergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes: - Ave! Maria!

E, longe, longe, na velha estrada,
Para e saudades à pátria envia
Romeiro exausto que o céu contempla,
E fala aos ermos: - Ave! Maria!

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende névoa sombria,

Se encosta ao mastro, descobre a frente,
Reza baixinho: - Ave! Maria!

Nas soledades, sem pão nem água,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama: - Ave! Maria!

Só nas alcovas, nas salas dúbias,
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o ímpio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato: - Ave! Maria!

Ave! Maria! - No céu, na terra!
Luz da aliança! Doce harmonia!
Hora divina! Sublime estância!
Bendita sejas! - Ave! Maria!"

Junqueira Freire (1832-1855) – Nasceu em Salvador, BA, em 1832, onde faleceu em 1855, vítima de moléstia cardíaca.

Obras – *Inspirações do Claustro* (1855, poesia) e *Contradições Poéticas* (poesia).

Aos dezoito anos entra para o Mosteiro de São Bento da Bahia, tentando achar solução para seu mórbido desequilíbrio. Sem vocação para a vida monástica, sua crise agrava e abandona o claustro.

Sua obra mostra a interessante luta do monge-poeta em busca de equilíbrio espiritual e existencial. Mais blasfemo que religioso, mais filosófico que crente, mais racional que romântico, seu isolamento aumenta-lhe a dor. “Daí temas lhe são peculiares: o monge, que ele lastima e a morte a que ele aspira”.

O Arranco da Morte

“Pesa-me a vida já. Força de bronze
Os desmaiados braços me pendura.
Ah! já não pode o espírito cansado
Sustentar a matéria.

Eu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arranca um riso. A rósea tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gélidas se encovam.

O noturno crepúsculo caindo
Só não me lembra o escurecido bosque,
Onde me espera, a meditar prazeres,

A bela que eu amava.
A meia-noite já não traz-me em sonhos
As formas dela - desejosa e lânguida -
Ao pé do leito, recostada em cheio

Sobre meus braços ávidos.

A cada instante o coração vencido
Diminui um palpíte; o sangue, o sangue,
Que nas artérias férvido corria,

Arroxase e congela.
Ah! é chegada a minha hora extrema!
Vai meu corpo dissolver-se em cinza;
Já não podia sustentar mais tempo

O espírito tão puro.
É uma cena inteiramente nova.
Como será? - Como um prazer tão belo,
Estranho e peregrino, e raro e doce,

Vem assaltar-me todo!
E pelos imos ossos me refoge
Não sei que fio elétrico. Eis! sou livre!
O corpo que foi meu! que todo impuro!
Caiu, uniu-se à terra.”

Morte

(Hora de delírio)

“Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dois fantasmas que a existência formam,
- Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam,
Que nos extingues as visões terrenas.

Nunca temi tua destra,
Não sou o vulgo profano:
Nunca pensei que teu braço
Brande um punhal sobr'humano.

Nunca julguei-te em meus sonhos
Um esqueleto mirrado;
Nunca dei-te, pra voares,
Terrível ginete alado.

Nunca te dei uma foice
Dura, fina e recurvada;
Nunca chamei-te inimiga,
Ímpia, cruel, ou culpada.

Amei-te sempre: - e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, - esse elemento
Que não se sente dos vaivéns da sorte.

Para tua hecatombe de um segundo
Não falta alguém? - Preenche-a comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,

Leva-me ao nada, leva-me contigo.

Miríadas de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda.
Para nutrir-se de meu suco impuro,
Talvez me espera uma plantinha linda.

Também desta vida à campa
Não transporto uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade

E como autômato infante
Que inda não sabe sentir,
Ao pé da morte querida
Hei de insensato sorrir.

Por minha face sinistra
Meu pranto não correrá.
Meus olhos moribundos
Terroros ninguém lerá.

Não achei na terra amores
Que merecessem os meus.
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu - adeus.

Não posso da vida à campa
Transportar uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade

Por isso, ó morte, eu amo-te, e não temo;
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo.”

Terceira Geração

A partir de 1860, começam a aparecer alguns autores que, embora revelem acentuada influência dos poetas das gerações anteriores (notadamente Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu), já trazem algumas novidades para a poesia do Romantismo. Acompanhando a crescente difusão das ideias liberais e democráticas, a poesia dessa fase expressará de modo bem evidente sua ligação com questões políticas e sociais. O desejo de igualdade e de reformas sociais encontrará eco, principalmente, na poesia abolicionista, de que Castro Alves é o melhor representante.

O lirismo vai abandonando as idealizações amorosas e as fantasias do ultrarromantismo para abordar o tema do amor e do relacionamento amoroso de forma mais realista e sensual.

No estilo, é grande a influência do poeta francês Victor Hugo, assimilado e imitado pelos românticos brasileiros, surgindo então o condoreirismo, um estilo que se caracteriza pelo tom de oratória, grandiloquente, vibrante, próprio para ser declamado ou recitado.

Resumindo, é a geração conhecida como condoreira (por usar uma linguagem tão elevada como o voo do condor), ou hugoana (por inspirar-se na poesia do Victor Hugo) que se livra do ultrarromantismo. Entrega-se, principalmente, a temas sociais e políticos (a abolição da escravidão, a liberdade, o progresso, a República).

Castro Alves (1847-1871) – Nasceu na fazenda Cabeceiras, município de Muritiba, BA, em 1847 e faleceu em Salvador em 1871, de tuberculose. Depois dos estudos preparatórios em Salvador, vai, em 1862, para Recife em cuja Faculdade de Direito ingressa em 1864, sendo colega do líder estudantil Tobias Barreto. Reforça a incipiente campanha liberal-abolicionista. Faz-se orador e poeta. Em 1868, chega a São Paulo, acompanhado da atriz Eugênia Câmara, com quem viera desde Recife. Em São Paulo, torna-se aclamado orador e poeta. Numa caçada nos arredores de São Paulo, fere o calcanhar esquerdo e acaba perdendo o pé. Ferido em sua vaidade e já tuberculoso, volta à Bahia, em 1869, certo já de sua morte próxima.

Obras – *Espumas Flutuantes* (1870), *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876), *Os Escravos* (1883), *Gonzaga* ou *A Revolução de Minas* (drama encenado na Bahia em 1867).

Os aspectos mais importantes de sua poesia são o social e o amoroso:

Poeta Social – “Corajoso defensor dos princípios de liberdade, de justiça social, apologista do progresso”. Defendeu, com versos inflamados e ousadas figuras, os escravos, revelando corajosamente a miséria física e moral em que eram obrigados a viver. Citem-se as poesias: *Vozes d’ África*, *Navio Negreiro*, *A Mãe do Cativo*, *A Cruz da Estrada*. Conhecido, por isso como *O Poeta da Abolição* ou *O Poeta dos Escravos*.

Defendeu ainda o povo esquecido, inculto e injustificado (*O Povo ao Poder*) e o “papel civilizado da imprensa”.

O Livro e a América

Glorificou “os homens que foram mártires de injustiças e modelos de grandezas de alma e espírito”

Jesuítas, Pedro Ivo.

O Navio Negreiro

(Tragédia no mar)

“‘Stamos em pleno mar...
Doudo no espaço Brinca o luar - dourada
borboleta -
E as vagas após ele correm... cansam
Como turbas de infantes inquietas.

‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
- Constelações do líquido tesouro...

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali s’estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? Qual o oceano?...

‘Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai?

Das naus errantes

Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?...

Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço...

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo - o mar... em cima - o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade...

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!...
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra - o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?...
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar - doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço!
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!

Cantai! que a morte é divina...
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena

Saudosa bandeira acena

Às vagas que deixa após.
Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,

Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!

Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
- Terra de amor e traição -

Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!
O Inglês - marinheiro frio,

Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,

Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês - predestinado -
Canta os louros do passado

E os loureiros do porvir...
Os marinheiros Helenos,

Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos

Do mar que Ulisses cortou,
Homens, que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...

Nautas de todas as plagas!
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu! ...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador...
Porém que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!

Que canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...

Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas

Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães.
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

ri-se a orquestra irônica, estridente...
da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja... se no chão resvala...
Ouvem-se gritos... o chicote estala

E voam mais e mais...
Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança ali...

Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri...

No entanto o capitão manda a manobra...
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz, do fumo entre os densos nevoeiros:
'Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...'

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!...
Qual num sonho dantesco as sombras
voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?...
mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...

Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?...

Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...
São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem luz, sem ar, sem razão...
São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também,

Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm
Trazendo com tíbios passos
Filhos e algemas nos braços,
N'alma lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Têm que dar para Ismael...
Lá nas areias infindas
Das palmeiras no país,
Nasceram - crianças lindas,
Viveram - moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus! ó choça do monte!...,

... Adeus! palmeiras da fonte!...
... Adeus! amores... adeus!...
Depois o areal extenso...
Depois o oceano de pó...
Depois... no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede
E cai p'ra não mais s'erguer!...

Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.
Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob a tenda d'amplidão!
Hoje o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...
Ontem plena liberdade...
A vontade por poder...
Hoje cúm'lo de maldade!
Nem são livres p'ra morrer!...
Prende-os a mesma corrente
- Férrea, lúgubre serpente -
Nas roscas da escravidão...
E assim roubados à morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?...

mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é
esta
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto,
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...
Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra

E as promessas divinas da esperança...

Tu, que da Liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...
Fatalidade atroz que a mente esmaga!...
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!...
...Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca esse pendão dos ares!...
Colombo! fecha a porta dos teus mares!..."

Tragédia no Lar

"Na Senzala, úmida, estreita,
Brilha a chama da candeia,
No sapé se esgueira o vento.
E a luz da fogueira ateia.
Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vai lentamente cantando
Uma tirana indolente,
Repasada de aflição.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,

Se nas palhas do telhado
Ruge o vento do sertão.
Se o canto para um momento,
Chora a criança imprudente ...
Mas continua a cantiga ...
E ri sem ver o tormento
Daquele amargo cantar.
Ai! triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão caindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãozinhas brilhantes

Agitas como diamantes
Os prantos do seu pensar ...

E voz como um soluço lacerante
Continua a cantar:

“Eu sou como a garça triste
“Que mora à beira do rio,
“As orvalhadas da noite
“Me fazem tremer de frio.
“Me fazem tremer de frio
“Como os juncos da lagoa;
“Feliz da araponga errante
“Que é livre, que livre voa.
“Que é livre, que livre voa
“Para as bandas do seu ninho,
“E nas braúnas à tarde
“Canta longe do caminho.
“Canta longe do caminho.
“Por onde o vaqueiro trilha,
“Se quer descansar as asas
“Tem a palmeira, a baunilha.
“Tem a palmeira, a baunilha,
“Tem o brejo, a lavadeira,
“Tem as campinas, as flores,
“Tem a relva, a trepadeira,
“Tem a relva, a trepadeira,
“Todas têm os seus amores,
“Eu não tenho mãe nem filhos,
“Nem irmão, nem lar, nem flores”.
A cantiga cessou. . . Vinha da estrada
A trote largo, linda cavahada
De estranho viajor,
Na porta da fazenda eles paravam,
Das mulas boleadas apeavam
E batiam na porta do senhor.
Figuras pelo sol tismadas, lúbricas,
Sorrisos sensuais, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O rebenque prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.
A porta da fazenda foi aberta;
Entraram no salão.
Por que tremes mulher? A noite é calma,
Um bulício remoto agita a palma
Do vasto coqueiral.
Tem pérolas o rio, a noite lumes,
A mata sombras, o sertão perfumes,
Murmúrio o bananal.

Por que tremes, mulher? Que estranho
crime,
Que remorso cruel assim te oprime

E te curva a cerviz?
O que nas dobras do vestido ocultas?
um roubo talvez que aí sepultas?
seu filho ... Infeliz! ...
Ser mãe é um crime, ter um filho - roubo!
Amá-lo uma loucura! Alma de lodo,
Para ti - não há luz.
Tens a noite no corpo, a noite na alma,
Pedra que a humanidade pisa calma,
- Cristo que verga à cruz!
Na hipérbole do ousado cataclisma
Um dia Deus morreu... fuzila um prisma
Do Calvário ao Tabor!
Viu-se então de Palmira os pétreos ossos,
De Babel o cadáver de destroços
Mais lívidos de horror.
Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
Ou sarça do Sinai,
Relâmpagos que ferem de desmaios...
Revoluções, vós deles sois os raios,
Escravos, esperai! ...
Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Vem comigo, mas ... cuidado ...
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.
Não venhas tu que achas triste
Às vezes a própria festa.
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orquestra
Por que despertar tu'alma,
Em sedas adormecida,
Esta excrescência da vida
Que ocultas com tanto esmero?
E o coração - tredo lodo,
Fezes d'ânfora doirada
Negra serpe, que enraivada,
Morde a cauda, morde o dorso
E sangra às vezes piedade,
E sangra às vezes remorso?...
Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! senhores, não mancheis...
Os pés lá pisam em lama,

Porém as fronteiras são puras
Mas vós nas faces impuras
Tendes lodo, e pus nos pés.
Porém vós, que no lixo do oceano
A pérola de luz ides buscar,
Mergulhadores deste pego insano
Da sociedade, deste tredo mar.
Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometeus,
Ai! vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausoléus.
Escrava, dá-me teu filho!
Senhores, ide-lo ver:
É forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer.
Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote...
A mãe que ouvia
Imóvel, pasma, doida, sem razão!
Virgem Santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos no ar erguia
Que a voz não podia, não.
Dá-me teu filho! repetiu fremente
O senhor, de sobrolho carregado.
Impossível!...
Que dizes, miserável?!
Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda há pouco o embalei, pobre inocente,
Que nem sequer presente
Que ides...
Sim, que o vou vender!
Vender?! . . . Vender meu filho?!
Senhor, por piedade, não...
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!
Por piedade, matai-me! Oh! É impossível
Que me roubem da vida o único bem!
Apenas sabe rir... é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar?...
Também Senhor, vós tendes filhos... quem
não tem?
Se alguém quisesse os vender
Havíeis muito chorar
Havíeis muito gemer,
Diríeis a rir - Perdão?!
Deixai meu filho... arrancai-me
Antes a alma e o coração!
Cala-te miserável!

Meus senhores, O escravo podeis ver ...
E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.
Senhores! basta a desgraça
De não ter pátria nem lar,
De ter honra e ser vendida
De ter alma e nunca amar!
Deixai à noite que chora
Que espere ao menos a aurora,
Ao ramo seco uma flor;
Deixai o pássaro ao ninho,
Deixai à mãe o filhinho,
Deixai à desgraça o amor.
Meu filho é-me a sombra amiga
Neste deserto cruel!...
Flor de inocência e candura.
Favo de amor e de mel!
Seu riso é minha alvorada,
Sua lágrima doirada
Minha estrela, minha luz!
É da vida o único brilho...
Meu filho! é mais... é meu filho...
Deixai-mo em nome da Cruz!...
Porém nada comove homens de pedra,
Sepulcros onde é morto o coração.
A criança do berço ei-los arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!
Mudou-se a cena. Já vistes
Bramir na mata o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido.
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam...
De vítima feita algoz,
Em sangue e horror envolvido
Terrível, bravo, feroz?
Assim a escrava da criança ao grito
Destemida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ela recuou.
Nem mais um passo, cobardes!
Nem mais um passo! ladrões!
Se os outros roubam as bolsas,
Vós roubais os corações! ...
Entram três negros possantes,
Brilham punhais traiçoeiros...
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorções.
Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A criança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes - uma doida respondia

Com frio gargalhar! ...”

Poeta Amoroso – Libertado já do clima do mal do século, Castro Alves é realista no amor. Não sonha com amadas impossíveis vaporosas. Inspira-se nas mulheres que o cercam como Eugênia Câmara, Teresa e outras, enfocando-as sob um clima de erotismo e sensualidade, valorizando, também, o amor físico.

O “Adeus” de Teresa

“A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...

E amamos juntos... E depois na sala
‘Adeus’ eu disse-lhe a tremer co’a fala...
E ela, corando, murmurou-me: ‘adeus’.

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...

Era eu... Era a pálida Teresa!
‘Adeus’ lhe disse conservando-a presa...
E ela entre beijos murmurou-me: ‘adeus’.

Passaram tempos... séc’ulos de delírio...

Prazeres divinais... gozos do Empíreo... ..
Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse - ‘Voltarei!...descansa!...’
Ela, chorando mais que uma criança,

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d’Ela e de um homem lá na
orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.

Entrei!... Ela me olhou branca...surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...
E ela arquejando murmurou-me: ‘adeus!’”

Adormecida

“Uma noite, eu me lembro.... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço no tapete rente.

‘Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos - beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago,
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava...a flor beijava-a...

Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...
Mas quando a via despertada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
‘Ó flor! - tu és a virgem das campinas!’
‘Virgem! - Tu és a flor de minha vida!...’”

Boa Noite

“Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes - Boa-noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito
- Mar de amor onde vagam meus desejos!

Julieta do céu! Ouve... a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrela-d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
'É noite ainda em teu cabelo preto...'

É noite ainda! Brilha na cambraia
Desmanchado o roupão, a espádua nua
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

Boa noite, pois! Durmamos, Julieta!

Recende a alcova ao trespasar das flores.
Fechemos sobre nós estas cortinas...

- São as asas do arcanjo dos amores.
A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor!
Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova
aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
- Boa-noite! - formosa Consuelo!..."

Exercícios referentes ao poema *Adormecida*

1. Faça um levantamento das expressões que descrevem a “adormecida”:

2. A figura da mulher apresentada no poema é:

- () idealizada;
- () sensual;
- () sonhadora;
- () depreciada.

A sinestesia (apelo ao sensorial) atua de modo decisivo na descrição do cenário natural e humano. Transcreva, do poema, expressões que signifiquem:

a) O apelo olfativo:

b) O tátil:

c) O visual:

Observando a estrutura do poema, divida-o em prólogo, trama e epílogo:

Indique as estrofes que apresentam:

a) Cenário:

b) Jogo amoroso:

Emoção do poeta diante da cena:

Transcreva os versos que apresentam, apesar dos tons extremamente sensuais, o lirismo típico do amor platônico:

Faça uma Sinopse do Assunto

1. Contexto Histórico

Em que medida a Revolução Francesa influenciou no aparecimento do Romantismo?

Origens:

Alemanha:

Inglaterra:

França:

Brasil:

Características gerais do Romantismo.

Início do Romantismo no Brasil: (ano) _____ (obra) _____
(autor) _____.

Poesia Romântica

Quadro Sinóptico

Gerações	Características	Autores	Características dos autores	Obras
Gonçalves de Magalhães				
Gonçalves Dias				
Álvares de Azevedo				
Casimiro de Abreu				
Fagundes Varela				
Junqueira Freire				
Castro Alves				

Exercícios

Dê o que se pede!

“Eu vivo sozinha; ninguém me procura!
Acaso feita
Não sou de Tupã?
Se algum dentre os homens de mim não se esconde,
Tu és, me responde,
Tu és Marabá!”

Analisando o vocabulário, principalmente, podemos deduzir que o texto acima pertence a que geração? _____

Que figura, tipo ou herói substitui o cavaleiro medieval no Brasil? Explique!

Que nome se deu a este movimento?

“Era um sonho dantesco...
O tombadilho Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...”

Navio Negreiro

Pela linguagem grandiloquente, pela temática social (abolicionista), concluímos serem os versos acima do poeta:

“É noite ainda! Brilha na cambraia
Desmanchado o roupão, a espádua nua
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...
(...)
A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Boa-Noite

Conteúdo do excerto do poema acima mostra-nos uma visão mais realista do amor e há traços de erotismo. Tais características são próprias do poeta: _____

“Eu também antevi dourados dias
Nesse dia fatal.
Eu também, como tu, sonhei contente
Uma ventura igual.
Eu também ideei a linda imagem
Da placidez da vida:
Eu também desejei o claustro estéril,
Como feliz guarida. “

O autor do texto acima, de forma autobiográfica, mostra-nos sua visão ingênua e romântica da vida monacal. Do poema e das informações recebidas, deduzimos tratar-se de:
Identifique a geração a que pertencem os versos a seguir e cite as características encontradas nos mesmos:

“Por isso, ó morte, eu amo-te e não temo; Por isso, ó morte, eu quero-te comigo. Leva-me à região da paz horrenda, Leva-me ao nada, leva-me contigo.”

Geração: _____

Características: _____

“Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Guerreiros da Tribo Tupi,

Falam deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.”

Geração: _____

Características:

“Oh! Bendito o que semeia
Livros...livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n’alma
germe - que faz a palma.

chuva - que faz o mar.
Vós, que o templo das ideias
Largo - abris às multidões,
P’ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,

Fazei desse ‘rei dos ventos’
Ginete dos pensamentos,
Arauto da grande luz!...
Bravo! a quem salva o futuro,
Fecundando a multidão!...
Num poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goethe moribundo
Brada ‘luz!’ o Novo Mundo
Num brado de Briaréu...
Luz! pois, no vale e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe gênios no céu!...”

Geração: _____

Características:

III - Responda às questões abaixo:

Qual a obra, autor e ano de publicação que inicia o Romantismo no Brasil?

Que revista, publicada em Paris, por Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre, apresentava as produções do Romantismo brasileiro?

Dos poetas todos do Romantismo, qual é considerado o melhor paisagista? (É conhecido como “poeta do sofrimento” ou “poeta da natureza”).

Quais os dois principais aspectos da poesia de Castro Alves?

Havia, no Brasil, assunto bastante para a temática dos condoreiros? Por quê?

Que poeta é considerado o maior representante do “mal do século” no Brasil?

O correto é:

O tema predominante na obra de Casimiro de Abreu é:

- a) a infância;
- b) a dúvida;
- c) o mal do século;
- d) a saudade;
- e) a dor.

Houve um movimento político que influenciou o Romantismo. Trata-se da:

- a) Inconfidência Mineira;
- b) Guerra do Paraguai;
- c) Guerra dos Emboabas;
- d) Revolução Francesa;
- e) Guerra dos Cem Anos.

O Romantismo surgiu no momento em que o sentimento de nacionalismo era muito forte e se alastrava pelo país um sentimento de:

- a) americanismo;
- b) lusofobia;
- c) europeização;
- d) classicismo;
- e) revolução.

“Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala.”

Possível reconhecer na estrofe acima, um exemplo da corrente:

- a) barroca, pela imagem que evoca a natureza como um símbolo da transitoriedade da vida;
- b) arcádica, pois o poeta revela o seu amor a uma natureza idealizada que, para ele, representa o mundo ordenado;
- c) romântica, pela identificação de sentimentos humanos com aspectos da natureza;
- d) parnasiana, pela visão da natureza como imagem escultural da perfeição;
- e) simbolista, pois a natureza é aí apenas um recurso que o poeta transcende, atingindo um nível de espiritualidade plena.

Embora característica de movimento romântico de grande importância, não teve expressividade maior na 2ª geração:

- a) Valorização do “ego” do artista;
- b) Visão pessimista da vida;
- c) Sentimento de solidão e de tédio de viver;
- d) Valorização do passado nacional;
- e) Fuga da realidade e busca de mundos próprios.

Sua obra *Anchieta* ou *O Evangelho das Selvas* denota o lado místico do poeta:

- a) Castro Alves;
- b) Gonçalves Dias;
- c) Gonçalves de Magalhães;
- d) Tobias Barreto;

e) Fagundes Varela.

A Ficção Romântica

No Brasil, o primeiro romance, no sentido cronológico, foi o **Filho do Pescador**, de Teixeira e Souza, publicado em 1843. Tal obra fica registrada como um simples documento, pois, destituída de valor artístico, marca o aparecimento do gênero no Brasil.

A concretização do novo gênero “romance”, no Brasil, ocorre no ano de 1844, quando Joaquim Manuel De Macedo publicou *A Moreninha*, que traria relativa influência para os escritores da época.

Ao lado da poesia e do teatro, a ficção, entendida como Romance, Novela e Conto, completa o quadro dos gêneros preferidos, entre nós. As características principais são:

- ✓ detalhes de costumes e de cor local;
- ✓ comunhão entre a Natureza e os sentimentos das personagens;
- ✓ elevação de sentimentos e nobreza de caracteres, em oposição à vilania, com o triunfo do bem e a punição do mal, com intenção moralizante;
- ✓ linearidade das personagens, esterotipadas, previsíveis;
- ✓ complicação sentimental: o herói e a heroína têm o encontro final, o *happy end*, retardado pela ação do vilão, ou pelo conflito entre a honra e o dever, ou ainda pela intriga ou orgulho ferido, criando, no leitor, a expectativa pelo desenlace. Quando tal não é possível, a solução encontrada pelo autor é a fuga pela morte, loucura ou celibato.

Entre as modalidades de romance cultivadas no Brasil, destacam-se:

Romance de Folhetim – publicado com periodicidade regular pela imprensa, explorando a complicação sentimental, a intriga, o mistério, a aventura, à maneira das novelas da televisão. Esta modalidade gozou de grande popularidade até o advento da radiodifusão, quando passou a ser divulgada por esse veículo.

Romance Urbano – Retrata os ambientes, cenas, costumes e tipos humanos extraídos da burguesia. Volta-se para a caracterização exterior dos personagens: atos, gestos, palavras, diálogos, roupas, etc.

Exemplos: *Senhora*, *A Moreninha*, *A Pata da Gazela*, etc.

Romance Histórico – A matéria narrativa é fornecida pelo passado histórico, de preferência remoto ou lendário, de modo a permitir a idealização. O compromisso do romancista com a

história restringe-se essencialmente à reconstituição do clima da época, à fidelidade aos hábitos, costumes e instituições.

O romance de capa e espada e o romance de mistérios são desdobramentos do romance histórico: o primeiro, voltado para a vingança punitiva e suspense; o segundo, voltado para a exploração das peripécias, surpresas, desembocando, às vezes, na fantasmagoria.

No Brasil, a narrativa baseia-se em fatos do nosso passado, principalmente da nossa história colonial.

Exemplo: *As Minas de Prata*.

Romance Regionalista – Explora, no Romantismo, as paisagens e costumes das ilhas naturais brasileiras, o Nordeste, o Pampa Gaúcho, O Pantanal Mato-grossense, o Sertão de Minas Gerais e Goiás, ora tendendo ao nativismo e ufanismo (Alencar, Bernardo Guimarães), ora valorizando o aspecto documental (Taunay e Frânklin Távora).

Exemplos: *Inocência*, *O Garimpeiro*.

Romance Indianista

A narrativa se desenvolve baseada em personagens indígenas, focalizando o ambiente, procedimento, cultura e tradições do índio brasileiro.

Visa, em sua grande maioria, à criação de “heróis nacionais”, místicos, lendários, tomados como símbolos e elementos formadores da nacionalidade.

Exemplos: *Ubirajara*, *Iracema*, *O Guarani*.

Romancistas

Joaquim Manuel de Macedo – (São João do Itaboraí-RJ, 1820-Rio, 1882). Escreveu muito, nos mais diversos gêneros. Sempre por diletantismo. Foi aceito de imediato pelo público porque explorou com muita felicidade a “psicologia feminina e a sociedade carioca da época”, bem como por usar a linguagem do leitor. Hoje, Macedo caminha para o esquecimento. Foi o criador da ficção brasileira “pela forma e pelo estilo”, com *A Moreninha*, em 1844.

Obras

A Moreninha (1844), *O Moço Loiro* (1845), *Os Dois Amores* (1848), *Vicentina* (1853), *As Mulheres de Mantilha* (1869), etc.

A Moreninha - Apresenta Augusto deixando-se dominar lentamente pelos encantos de Carolina (o tipo da mocinha brasileira) irmã de Felipe, colega de Augusto.

José de Alencar – (Mecejana-CE, 1829 - Rio, 1877) – Formou-se em Direito em São Paulo (1850), fixando-se, em seguida, no Rio de Janeiro. Dedicou-se ao romance, à crítica, ao jornalismo, ao teatro e à política. É, todavia, como romancista que se coloca entre os primeiros da nossa Literatura. O estilo de Alencar é inconfundível. Levado por uma imaginação insuperável surpreende o leitor com brilhantes comparações e figuras, aproveitando-se, para isto, com frequência, de elementos indígenas e de nossa natureza. Preocupou-se, ainda, Alencar com “criar um estilo brasileiro, um modo de escrever que refletisse o espírito do nosso povo, as particularidades sintáticas e vocabulares do falar brasileiro”, tendo acrescentado inúmeros tupinismos e brasileirismos à língua nacional. Destaca-se ainda, a musicalidade da prosa alencariana. Obras suas, como *Iracema*, são verdadeiros poemas em prosa.

Obras

Indianista: *Iracema*, *Ubirajara* (1874).

Urbanas: *Cinco Minutos* (1856), *A Viuvinha* (1857), *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *A Pata da Gazela* (1870), *Sonhos d'Ouro* (1872), *Senhora* (1875), *Encarnação* (1877, póstuma).

Históricas: *O Guarani* (1857), *As Minas de Prata* (1862-6), *Alfarrábios*, *O Ermitão da Glória*, *O Garatuja* (1873), *A Guerra dos Mascates* (1873).

Regionalista: *O Gaúcho* (1870), *O Tronco do Ipê* (1871), *Til* (1872), *O Sertanejo* (1876).

Do que escreveu para **Teatro** destacam-se: *O Demônio Familiar* (comédia) e *As Asas de um Anjo* (drama).

Iracema

“Poema em prosa”: assim se referia Machado de Assis ao romance *Iracema*, de Alencar, obra que, desde as primeiras linhas, já chama nossa atenção para o trabalho com a linguagem. Em capítulos curtos, superpõem-se imagens sobre imagens, comparações sobre comparações, cada uma mais bela, original, adequada, para sugerir o nascimento de um mundo. O romance desenvolve a lenda da fundação do Ceará, a história dos amores de Iracema e Martim, e do ódio entre as tribos tabajara e potiguara.

O enredo do romance é bastante simples: Iracema encontra Martim andando pela floresta e o acolhe na cabana de seu pai, Araquém. Aos poucos desperta o amor da índia por Martim, que retribui o sentimento.

Iracema, guardadora dos segredos da Jurema, fizera um voto de castidade, que quebra ao tornar-se esposa de Martim. Abandona a tribo e segue com ele, dando à luz, algum tempo depois, a um filho, Moacir, que, simbolicamente, representaria o homem brasileiro, nascido das raças índia e branca.

Martim parte por longo tempo e, quando retorna, encontra Iracema à morte. Enterra-a ao pé de um coqueiro, toma o filho e parte para Portugal.

O texto selecionado para exemplificação é o primeiro capítulo, que é um texto antológico, que inicia com a famosa e belíssima invocação:

“Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.”

Nele, podemos perceber todo o fascínio da linguagem desse romance, que se desenvolve no mesmo nível poético da invocação inicial.

Capítulo I

“Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba. Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros. Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcíone buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

- Iracema!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d’ alma um agro sorriso. Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga! Soprem para ti as brandas auras, e para ti jaspeie a bonança mares de leite! Enquanto vogas à discrição do vento, airoso barco, volta às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.”

Já se notou, frequentes vezes, o ritmo extremamente cadenciado desses três primeiros parágrafos. Mais de um autor distribuiu essas palavras no papel, como versos de um poema tradicional, para mostrar visualmente esse ritmo cadenciado. Veja como fica.

“Verdes mares bravios (seis sílabas)
de minha terra natal, (7)
onde canta a jandaia (6)
nas frondes da carnaúba; (7)

Verdes mares, que brilhais (7)
como líquida esmeralda (7)
aos raios do sol nascente, (7)
perlongando as alvas praias (7)

ensombradas de coqueiros; (7)
Serenai, verdes mares, (6)
e alisai docemente (6)
a vaga impetuosa, (6)

para que o barco aventureiro manso (10)
resvale à flor das águas.” (6)

Todas as imagens de que Alencar se utiliza para se referir a Iracema são retiradas da natureza local, identificando Iracema claramente com essa natureza, fazendo-a símbolo do Brasil e, por extensão, da América. Um crítico já observou que Iracema é anagrama de América, isto é, Iracema tem exatamente as mesmas letras de América, só que outra ordem.

Segue, como ilustração, o segundo capítulo que apresenta *Iracema*, “virgem dos lábios de mel”.

Capítulo II

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d’água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do guará as flechas do seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe os ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba -se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

Quebras comigo a flecha da paz?

Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.”

Senhora

Fernando Seixas rompera o namoro com Aurélia Camargo porque era ela pobre, voltando suas atenções para a rica Adelaide Amaral. Mais tarde, Aurélia torna-se, inesperadamente, herdeira de grande fortuna. Sabendo que Fernando estava em má situação financeira, Aurélia salda-lhe as dívidas para se casarem. Casados, Aurélia, além de desprezá-lo, exige que a trate de Senhora. Humilhado, Fernando consegue o dinheiro para libertar-se e, com a liberdade, nasce o amor entre eles.

O Guarani

Em 1604, vivia Dom Antônio de Mariz com sua família (a mulher Lauriana, os filhos Diogo e Cecília e a sobrinha Isabel) numa fazenda à margem direita do rio Paquequer, afluente do Paraíba. Cecília é disputada por Álvaro (fidalgo português) e Loredano, (ex-carmelita e aventureiro) e defendida pelo goitacá Peri, que via na moça a Senhora com quem sonhara e a quem jurara servir. Os aimorés, para vingar a morte de uma índia, atacam e destroem a fazenda de D. Antônio. Enquanto a fazenda era destruída, Peri consegue salvar Cecília.

Manuel Antônio de Almeida – (Rio de Janeiro, 1831 - RJ, 1861) – De origem modesta, conseguiu concluir Medicina (1855), mas não clinicou. Foi administrador da Tipografia Nacional, onde iniciou na profissão de tipógrafo Machado de Assis. Como redator do Correio Mercantil, ainda estudante, escreveu a obra que o imortalizou: Memórias de um Sargento de Milícias (1854-5). Almeida deixou uma obra inteiramente deslocada, pois fugiu totalmente ao esquema do momento que exigia romances tipo *A Moreninha*. Fez uma obra humorística, focalizou a classe pobre, pôs como central um personagem picaresco, foi fiel aos costumes e linguajar da época, construiu personagens coerentes e reais. O estilo é fácil e comunicativo. Por fidelidade às coisas apresentadas, Almeida é considerado o precursor do nosso Realismo.

Memórias de um Sargento de Milícias

Conta as aventuras do endiabrado Leonardo, do nascimento ao casamento com Luisinha. Filho de Leonardo Pataca e Maria das Hortaliças, o herói é criado à solta. Sua vida, farta de travessuras, muda quando se casa e consegue ser sargento de milícias. Citem-se ainda os personagens: o temido delegado major Vidigal; Vidinha, bonita e namoradeira; a Comadre e outros que se movimentam no Rio do tempo do Rei.

Visconde de Taunay – (Rio de Janeiro, 1843-1899) – Engenheiro militar, participou da expedição que foi defender o Sul de Mato Grosso, durante a Guerra do Paraguai. Registrou no livro *La Retraite de La Laguna* a heroica retirada da coluna brasileira, desde Laguna (no Paraguai) até o rio Aquidauana, num total de trinta e nove léguas. De invejável cultura, foi professor e político. Como escritor, consagrou-se pelo realismo mitigado, ao apresentar as paisagens, os tipos e os costumes do sertão mato-grossense. Taunay está entre os melhores paisagistas nacionais.

Obras

Das diversas que escreveu, duas permaneceram: *A Retirada de Laguna* (1871), escrita em francês e traduzida em 1874 por Salvador de Mendonça e *Inocência* (1872).

Inocência

A história se passa no sudeste mato-grossense. Pereira tem uma filha, “donzela de fascinadora beleza”, prometida em casamento a Manecão. Aparece na fazenda um curandeiro de nome Cirino e promete curar a maleita da Inocência. De remédio em remédio, nasce entre eles o amor. Descobertos, Cirino é morto pelo rival Manecão. Inocência, dois anos depois, também morre “de saudade”. Destaque-se a presença do cientista alemão Meyer na fazenda do Pereira, à procura da borboleta que denomina *Papilio Innocentiae*, graciosa homenagem à moça tão bela e infeliz.

Bernardo Guimarães – (Ouro Preto, 1825-1884) cursou Direito em São Paulo, onde foi colega de Álvares de Azevedo de cuja obra cuidou. Mais tarde foi juiz, jornalista e professor. Bernardo Guimarães é, como observa Heron de Alencar, “mais contador de histórias do que romancista”. E foi contando histórias que fixou o pitoresco de Minas Gerais e Goiás, sua paisagem, tipos e costumes. Foi o primeiro regionalista romântico.

Obras

O Ermitão de Muquém (1869), *O Garimpeiro*, (1872), *O Seminarista* (1872), *O índio Afonso* (1873), *A Escrava Isaura* (1875), *Maurício* (1877).

A Escrava Isaura

Isaura fora criada e educada com esmero, pela patroa, mãe do cobiçoso Leôncio. Este se casa com Malvina que fica com Isaura. A infeliz escrava, para ver-se livre da perseguição do senhor, foge com pai Miguel para Recife, onde passa a chamar-se Elvira. Lá, conhece Álvaro, rapaz de ótima formação. Reconhecida pelo vil Martinho, é conduzida à fazenda de Leôncio, no Estado do Rio. Álvaro, sabendo da grave situação de Leôncio, compra-lhe a fazenda. Liberta Isaura e casa-se com ela.

O Seminarista

Eugênio e Margarida amavam-se desde crianças. Ele, extremamente sensível, abraça (por imposição da família) a carreira sacerdotal, dominado sempre mais pelo amor de Margarida.

Quando volta, já neossacerdote, à terra natal, tem que atender Margarida moribunda e encomendar-lhe o cadáver. Ao dirigir-se depois para o altar, a fim de celebrar a Missa, Eugênio, totalmente transtornado, arranca as vestes sagradas, joga-se contra o altar e sai correndo. Enlouquecera.

Franklin Távora – (Baturité-CE,1842-Rio,1888) O mais modesto dos romancistas. Lutou tenazmente pela criação da Literatura do Norte, o que o torna um dos fundadores do nosso regionalismo.

Obras

Cartas de Semprônio (crítica, contra José de Alencar, 1871), *Um Casamento no Arrabalde* (romance, 1869), *O Cabeleira* (romance, 1876).

O Cabeleira

Narra a vida aventureira de José Gomes (o Cabeleira). A mãe Joana quer educá-lo no bom caminho. O pai Joaquim, no entanto, encaminha-o no crime. Somente Luisinha, que Cabeleira há muito amava, consegue regenerá-lo, mas ele é preso pela polícia.

O Teatro Romântico

O **Teatro Romântico** começa no Brasil em 1838, com a encenação da tragédia Antônio José de Gonçalves de Magalhães e da comédia O Juiz de Paz na Roça de Martins Pena. Na altura de 1860, aparecem os dramas de casaca - “teatro de atualidade, de tese social e de análise psicológica”. Embora G. de Magalhães, Gonçalves Dias e outros tenham escrito para o teatro, foi Martins Pena quem melhor realizou o gênero teatral entre os românticos.

Martins Pena (Rio de Janeiro -1815-Lisboa-1848) Seguiu a carreira diplomática, mas realizou-se como comediógrafo. É o criador da comédia nacional com *O Juiz de Paz na Roça*. Escreveu peças para o povo rir. Nelas, retrata com muita facilidade a vida social e doméstica da cidade e do campo da primeira metade do século XIX.

Obras

O Juiz de Paz na Roça (1838), *Judas no Sábado de Aleluia* (1844), *O Noviço*, *Quem Casa Quer Casa* (1845), etc.

Repercussões do Romantismo

O Romantismo é de tal forma importante para a nossa literatura que não poderíamos deixar de assinalar o que o caracteriza essencialmente em nossa terra e o que ficou de sua presença. Assim, cumpre apresentar que, ressalvada a permanência de suas características universais:

- ✓ ganhou aspectos peculiares, por força do ambiente ao qual se aclimatou;
- ✓ “ajustou-se à alma do povo, cujos anseios e qualidades sentiu e exprimiu”. Não nos esqueçamos que nascemos como nação com aquele movimento e o novo estilo identificou-se com o nosso modo de ser; com ele, nasceu “o culto brasileiro da inspiração, da improvisação e da espontaneidade” como fontes de criação;
- ✓ marcou-se de um caráter social;

- ✓ traduziu-se numa forma peculiar de indianismo, ao casar a doutrina do “bom selvagem” de Rousseau com as tendências antiportuguesas. O sentimento nativista brasileiro fez do índio e sua civilização um símbolo de independência espiritual, política, social e literária;
- ✓ teve também significação na nossa literatura romântica o conhecido “mal do século”, em poetas como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e romancistas como Macedo e Alencar, por exemplo;
- ✓ a busca de inspiração em elementos nacionais encontrou eco num Brasil recém-independente, em plena fase de afirmação de sua personalidade como nação;
- ✓ a procura de cor local característica “conduziu à compreensão da literatura popular, em que, para os românticos, residiria o caráter original da criatividade literária e de onde partiria o veio formador da literatura”. Daí o interesse por “mitos e cosmogonias ameríndias”; daí a proliferação de estudos sobre o nosso folclore;
- ✓ o culto da natureza encontrou campo propício na exuberante paisagem nacional;
- ✓ os românticos realizaram “a criação dos gêneros literários com feitio brasileiro quer quanto ao tema quer quanto às marcas de estilo”;
- ✓ com o Romantismo, criou-se a ficção brasileira, consolidou -se a poesia em nossa terra;
- ✓ os escritores românticos libertaram a língua falada no Brasil das normas clássicas dos escritores portugueses: preocupavam-se com uma língua nacional;
- ✓ com o movimento romântico constitui-se, entre nós, a carreira literária “e a compreensão da figura do homem de letras na comunidade”;
- ✓ também nos trouxe o movimento romântico “a melhoria e a ampliação do público” para o romance, a poesia e o teatro;
- ✓ foi, enfim, com o Romantismo que o Brasil ganhou literatura própria.

Estilos de Época na Literatura - Domicio Proença Filho

Exercícios de Fixação

Esquematize o “modelo” de **Romance Romântico**.

Modalidade de Romance - Exemplos

Folhetim:

Urbano:

Histórico:

Regionalista

Indianista

1º Romance Romântico

Quadro Sinóptico

Autor	Obra	Características
José de Alencar		
Manoel Antônio de Almeida		
Visconde de Taunay		
Bernardo Guimarães		
Frânklin Távora		
Martins Pena		

A que se deve a criação do gênero “Romance” no século XIX?

O romance classifica-se em:

Como José de Alencar apresenta o índio?

Como são vistos os heróis dos romances regionalistas alencarianos?

O que retratam os romances urbanos de José de Alencar?

Cite um exemplo de cada tipo de romance de José de Alencar:

Que classe social é sempre o tema dos romances urbanos ou de costumes?

O autor - fundador do sertanejíssimo -, Bernardo Guimarães, caracteriza em seus romances:

- ✓ as tradições e credences do povo nortista;
- ✓ temas tradicionais do sertanejo paulista;
- ✓ a vida simples e pacata dos sertanejos cariocas;
- ✓ temas tradicionais e populares das regiões rurais de Minas Gerais e Goiás;
- ✓ com propriedade, os temas do gaúcho.

A personagem central é Leonardo Pataca, “filho de uma pisadela e de um beliscão”, circunstâncias em que seus pais se conheceram. Leonardo Pataca surge, assim, como primeiro herói malandro do nosso romance, ou melhor, o primeiro herói pícaro (termo espanhol). Sendo pobre e abandonado pelos pais, vive às custas do padrinho (Compadre) e se comporta endiabradamente, por exemplo, desaparecendo na procissão da Via-Sacra, sem dar satisfação. O herói (o menino) está sempre pronto à aventura, por isso, acompanha os ciganos. Depois, resolve o problema do padrinho com uma dose certa de esperteza.

A referência é feita:

- ✓ a uma obra realista de Machado de Assis, chamada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
- ✓ a uma obra pré-romântica de Tomás Antônio Gonzaga, chamada *Marília de Dirceu*.
- ✓ a uma obra romântica de Joaquim Manuel de Macedo, chamada *A Moreninha*.
- ✓ a uma obra pré-realista de Manuel Antônio de Almeida, chamada *Memórias de um Sargento de Milícias*.
- ✓ a uma obra modernista de Mário de Andrade, chamada *Macunaíma*.

Sobre o Romance Romântico, assinale a alternativa incorreta:

- a) O sentimento amoroso deve ser sempre desinteressado e puro.
- b) A sociedade é apresentada como hipócrita.
- c) O personagem principal é sempre um herói, de ideais elevados; nunca idealizado.
- d) O bem sempre acaba triunfando.

Em oposição aos clássicos, que preferiam retratar em suas obras natureza perfeita, os românticos procuravam mostrar paisagens naturais em toda a sua exuberância e magia.

O Movimento Romântico Brasileiro é nacionalista por excelência; daí, a razão de incluir palavras indígenas em suas obras. O escritor brasileiro que mais se destacou nesse propósito foi:

- a) Gonçalves Dias;
- b) Machado de Assis;
- c) Bernardo Guimarães;
- d) José de Alencar;
- e) Joaquim Manuel de Macedo.

Assinale o item correto:

- a) Macedo, que explorou com muita felicidade a psicologia feminina, continua sendo um dos autores mais lidos hoje.
- b) São características do estilo de Alencar: a imaginação insuperável e a musicalidade, embora tenha fracassado ao introduzir tupinismos e brasileirismos na língua nacional.
- c) Manuel Antônio de Almeida, autor de um só livro, foi muito feliz ao retratar a burguesia carioca e apresentar as diabruras de Leonardo.
- d) Bernardo Guimarães registrou, em livro, a heroica retirada de uma coluna do Exército Brasileiro de Laguna ao rio Aquidauana.

e) Em *Inocência*, o autor “descreve o amor proibido de uma jovem sertaneja, submetida às imposições paternas”.

Realismo-Naturalismo

“Pouco importa que os fatos sejam físicos ou morais; eles sempre têm as suas causas. Tanto existem causas para a ambição, a coragem, a veracidade, como para a digestão, o movimento muscular, e o calor animal. O vício e a virtude são produtos químicos como o açúcar e o vitríolo.” (Taine)

Contexto Histórico

A partir da Segunda Metade do Século XIX, a Concepção Espiritualista de mundo que caracterizava o período romântico vai sendo substituída por uma visão mais científica e materialista, decorrente da importância dada à ciência, vista como único instrumento seguro para explicar a realidade. Para compreender a nova estética cultural, analisemos rapidamente o contexto histórico-cultural.

a) **Sociedade**

Na Europa, a aristocracia feudal e a Igreja deixaram de desempenhar um papel orientador na vida política. A **Classe Média**, cuja maneira de viver nada tem em comum com a aristocracia tradicional, passa a ocupar o primeiro plano no cenário histórico. Mais tarde, classe média e operariado, cujos objetivos se confundiam, começam a separar-se. Dessa separação decorre a consciência do proletariado e seu esforço no sentido de se organizar. São essas condições que propiciam o **Manifesto Comunista** de 1848, em que Marx e Engels analisam a situação do proletariado e apontam soluções para os problemas detectados.

b) **Economia**

O racionalismo econômico do período leva a uma industrialização cada vez mais intensa, com a consequente vitória do capitalismo. “O dinheiro é a grande força que domina toda a vida pública e privada, toda a força e todos os direitos passam a se exprimir através dele. Tudo, para ser compreendido, tem que se reduzir a um denominador comum: o dinheiro”. (Arnold Hauser)

c) **Ciência:**

O enorme **Progresso Científico** da época gerou a teoria de que todos os fenômenos aparentemente isolados, na verdade, pertenciam a uma única realidade material. É notável o

desenvolvimento das ciências biológicas. A título de exemplo, citamos algumas descobertas do período: a utilização do éter na anestesia, a assepsia, a teoria microbiana das doenças, a descoberta dos micro-organismos responsáveis pelas sífilis, malária e tuberculose, a descrição dos hormônios e vitaminas. Às anteriores, associam-se as buscas no campo da calorimetria, ótica, termodinâmica, telefonia, astronomia, eletricidade, eletromagnetismo, etc.

Identificam-se a pesquisa e o uso de novas fontes de energia, como o carvão, o petróleo e a eletricidade, o que propicia o desenvolvimento industrial, em especial, na metalurgia e nos ramos têxteis.

Paralelamente, acentua-se o interesse pela biologia e pela genética, que até os anos anteriores haviam permanecido limitadas pelas concepções dos antigos.

Assim, João Batista Lamarck (1744-1829) formula as leis da evolução natural, assegurando que a formação ou desaparecimento de órgãos, nos seres vivos, são condicionados pelo uso, e que as alterações ocorridas se integram ao patrimônio da espécie.

Fundamental é a referência ao Darwinismo, princípio estabelecido por Darwin, de que há uma comunhão de origem entre todos os seres vivos. É a teoria da evolução natural das espécies, que expõe uma concepção biológica da vida. Darwin publica, em 1859, *A Origem das Espécies* provocando uma verdadeira revolução no campo das ciências.

Filosofia

Positivismo

No campo da filosofia, o evento que se destaca é a publicação do Curso de Filosofia Positiva, ocorrido entre 1830 e 1842, e a do Sistema de Política Positiva, entre 1851 e 1854, ambos da autoria de Augusto Comte (1798 - 1857). Com essas obras, instaura-se um novo pensamento filosófico, que não destoa da mentalidade geral da época no que diz respeito à importância da natureza, da objetividade e do culto ao real. Segundo Comte, a humanidade está entrando, com o Positivismo, em um terceiro estágio de sua evolução – os dois primeiros haviam sido o teológico e o metafísico. Agora, os fatos é que determinam o conhecimento, o abstrato perdeu seu valor para o concreto; a observação e a experiência tornam-se regras básicas para o pensamento e para a atividade científica.

Determinismo

Doutrina de Taine, que explica a obra de arte como produto de leis inflexíveis: raça, meio e momento. Fundamentado nos princípios positivistas, Taine leva, em 1864, as novas concepções para o domínio artístico, criando o Determinismo Literário, no prefácio de sua *História da Literatura Inglesa*.

Procura provar que a “personalidade” do homem é condicionada por três aspectos:

- a) **Hereditariedade** – a criança recebe caracteres do pai e da mãe;
- b) **Meio Ambiente** – a criança vai aprendendo a se comportar em contato com outras pessoas;
- c) **Momento Histórico** – em cada época da história da humanidade a criança desenvolve-se e forma sua personalidade segundo as influências de então.

Quando o escritor realista se orientava por esse cientificismo, elaborava obras classificadas como naturalistas (um realismo mais científico).

Resta-nos, ainda, citar a forte atuação que as ideias filosóficas de Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) exercem sobre o pensamento europeu do século XIX. Através de três obras: *Mundo como vontade e representação* (1819), *A autonomia da vontade* (1839) e *O Fundamento Moral* (1840), o filósofo alemão apresenta o homem condicionado a determinismos morais. Segundo suas ideias, “o mundo é a exteriorização de uma força cega, onde viver significa sofrer. O homem é

determinado pela dor e pelo sofrimento, e a conquista da alegria também advém de um esforço doloroso que logo destrói as ânsias e desejos humanos”.

Todas essas doutrinas contribuem para dar ao homem deste momento uma concepção materialista da vida. O subjetivismo cede lugar ao objetivismo; o interesse pelo passado, característico do Romantismo, é substituído pelo presente e pela noção de desenvolvimento e progresso.

e) **Sociologia:**

No domínio da Sociologia, aparecem as teorias de Spencer, explicando a luta pela existência como uma crescente divergência entre as classes sociais. Em 1862, inicia seus trabalhos, formulando O Evolucionismo, levando os historiadores a interpretar a história como resultante de movimentos sociais.

A Arte

A Arte vai revelar todas essas modificações, suplantando o idealismo do período romântico, expressando a concepção predominantemente materialista da vida, isenta de idealização e sentimentalismo. O povo torna-se tema da pintura, fato que representa uma tomada de posição política por parte dos pintores que seguem a nova estética. Para eles, verdade social e verdade artística se identificam, tornando-se a arte um meio de denúncia da ordem social vigente, um protesto contra a classe dominante.

O Contexto Brasileiro

Com a morte de Castro Alves, o romantismo nacional se esgota e entra em franca decadência. Já em 1870, Sílvio Romero, crítico literário influenciado pelas novas ideias que varriam a Europa, passa o atestado de óbito à poesia romântica, acusando-a de “lirismo retumbante e indianismo decrépito”. O centro irradiador do novo espírito é Recife, onde pontifica a figura intelectual de Tobias Barreto, agitando desordenadamente as doutrinas científicas e sociológicas europeias. Além disso, a Questão Coimbrã (1865) que introduziu o Realismo em Portugal, fora acompanhada com interesse no Brasil. Também a situação política brasileira instável e agitada (a partir de 1870 podemos constatar: a fundação do Clube Republicano, a Questão Religiosa, A Abolição, a Questão Militar, a República, etc.) contribuiu para que os escritores procurassem uma nova maneira de captar, refletir e interpretar a realidade.

Superando o eufórico nacionalismo, o Realismo significa, dentro da evolução da literatura brasileira, um movimento crítico que alarga as dimensões dessa literatura.

Segundo Afrânio Coutinho, o Realismo olhou para o mundo brasileiro, ensinou o escritor brasileiro a tratar esteticamente do material autóctone, não mais com o sentimentalismo romântico. É com ele que a literatura finca pé definitivamente no solo pátrio.

Literatura

O Realismo é de origem francesa. A obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1857), que analisa impiedosamente a hipocrisia romântica e burguesa, foi o romance que o introduziu. Mais tarde, Emile Zola, com a obra *Thérèse Raquin* inaugura o Naturalismo, metamorfose avançada do Realismo.

No Brasil, há uma coincidência cronológica entre as duas correntes: Realismo e Naturalismo, pois sendo a França o centro irradiador, houve tempo, entre nós, para uma assimilação simultânea de ambos. Assim, o ano de 1881 marca a introdução do Realismo e do Naturalismo brasileiros com as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, respectivamente.

Veja o gráfico explicativo da evolução das duas escolas. Observe as diferenças cronológicas entre Realismo e Naturalismo na Europa e a coincidência cronológica no Brasil.

País	Autor	Obra
França	Gustave Flaubert	<i>Madame Bovary</i> (1857)
França	Emile Zolá	<i>Thérezé Raquin</i> (1867)
Portugal	Eça de Queiroz	<i>O Crime do Padre Amaro</i> (1865)
Portugal	Abel Botelho	<i>O Barão de Lavos</i> (1891)
Brasil	Machado de Assis	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (1881)
Brasil	Aluísio Azevedo	<i>O Mulato</i> (1881)

Características do Realismo

Objetividade

Para aproximar sua atitude à do cientista, o autor realista busca encarar os fatos com objetividade e impessoalidade (embora nem sempre consiga), não idealizando a realidade, mas buscando registrá-la, sem emitir julgamentos sobre os fatos ou personagens.

Personagens não Idealizadas Para o artista realista, o homem é apenas uma peça na engrenagem do mundo. Em função disso, principalmente os escritores de tendência naturalista enfatizam comportamentos instintivos de personagens, comparando-os a animais.

O Realista procura focar o homem comum, com todos os seus contrastes, sem idealizações.

Personagem Condicionada ao Meio Físico e Social

Uma consequência de visão de mundo em que o homem não tem qualquer privilégio sobre os demais elementos. Assim, a personagem aparece condicionada a fatores naturais (temperamento, raça, clima) e fatores culturais (ambiente e educação). Suas ações fundamentam-se em causas determinantes, ora de natureza biológica, ora de natureza social. Baseando as ações das personagens em razões científicas, plausíveis e lógicas, o escritor pretende eliminar os acasos e milagres, frequentes no Romantismo.

Amor Fisiológico

Diferentemente dos românticos que viam no amor a solução de todas as coisas, o escritor realista apresenta o amor como ato predominantemente fisiológico. Há uma acentuada preferência pelo enfoque do adultério, encarado como causa da destruição familiar e da sociedade.

Espaço Urbano/Tempo Contemporâneo

Nítida a preferência pelo espaço urbano, pois a burguesia fixou-se principalmente nas cidades e é aí que residem os elementos a serem combatidos, já que a obra literária é vista como instrumento de denúncia dos desequilíbrios sociais.

Há preocupação em retratar pessoas da época, encarando o presente histórico, os conflitos do homem da época, os problemas concretos, os dramas cotidianos.

Narrativa/Linguagem

O Processo Narrativo obedece à lógica, eliminando acasos e milagres. Via de regra, o desenlace é previsível.

A linguagem é mais simples que a linguagem dos românticos. O detalhismo é característica, explicada pela intenção de retratar fielmente a realidade focalizada, o que torna a narrativa mais lenta.

Diferenças entre Realismo e Naturalismo

O Naturalismo surge como um segmento do Realismo. Ambos se fundamentam nos mesmos princípios científicos, filosóficos e artísticos.

“O Realismo se tingirá de Naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer enredos e personagens submeterem-se ao destino cego das leis naturais que a ciência da época julgava ter codificado.” (A. Bosi)

Em função disso, a visão do mundo do naturalista é mais mecanicista, mais determinista, pois aceita o princípio segundo o qual só as leis da ciência são válidas. Como decorrência, o homem é condicionado por forças que determinam seu comportamento. Nos romances naturalistas, o comportamento das personagens resulta da liberação dos instintos, sob determinadas condições do meio. Por usar métodos científicos de observação e análise, a vida interior fica relegada a quase nada e todas as personagens naturalistas são muito semelhantes, uma vez que estão submetidas às mesmas leis.

Diferente disso, os dramas das personagens realistas têm origem moral ou são decorrentes de desequilíbrio social.

Observa-se no artista naturalista uma tendência a retratar temas ligados à patologia sexual ou social, aos aspectos mais repulsivos da vida e às camadas mais baixas da sociedade.

Em Resumo

Diferenças apresentadas:

Realismo	Naturalismo
Pratica método de observação.	Pratica método de experimentação.
Acumula documentos para dar impressão de vida real.	Imagina experiências que remetem a conclusões às quais só a observação não houvera podido chegar.
Reproduz tanto a realidade interior como a exterior.	Tem preocupações sociais.
Às vezes, toma temas do passado.	Pretende apoiar-se na ciência.
Tem preocupações sociais.	Cria o romance experimental.
	Prefere o presente ou espreita o futuro, aplicando lei da herança.
	Alegra-se nos aspectos mais deploráveis e crus da realidade.

Aspectos em Comum

Ambos procuram retratar o real.

Fundamentação filosófica idêntica: Positivismo e Determinismo.

São ambos anticlericais, antirromânticos e antiburgueses.

Querem retratar e educar a sociedade.

Exercícios

1. Indique as principais diferenças entre o Realista e o Romântico, quanto às suas relações com o mundo.

2. Relacione as colunas:

1. Românticos

2. Realistas

() fantasia;

() observação;

() nacionalismo ufanista;

() cientificismo.

3. Qual das afirmações abaixo pode ser considerada correta quanto ao Realismo:

a) Apesar das intenções críticas, acabou por fazer a apologia dos valores burgueses e de suas instituições, como o casamento e a Igreja.

b) Desenvolveu, principalmente, uma literatura voltada para os problemas rurais, mostrando como o progresso das cidades estava corrompendo a vida campestre.

c) Procurou analisar, com mais objetividade e senso crítico, os problemas sociais, denunciando vícios e corrupção da burguesia.

d) Libertando-se do excesso de sentimentalismo dos românticos, desenvolveu o romance nacionalista, exaltando o modo de vida da nova sociedade brasileira que estava surgindo.

4. Com relação ao Naturalismo:

a) Importa o presente.

b) Prefere a experimentação à observação.

c) Deseja fazer arte desinteressada.

d) Reproduz a realidade interior.

e) Idealiza os personagens.

5. Localize o Realismo e o Naturalismo no tempo e no espaço

6. Defina Realismo e Naturalismo.

7. Qual a razão dessas duas correntes aparecerem juntas no Brasil?

8. No Contexto Cultural que preparou a estética realista, qual a classe de pessoas que estava começando a se organizar?

9. Assinale a afirmativa correta com relação ao pensamento do final do Século XIX.

- a) O que mais importava na sociedade era o desenvolvimento da cultura, não o dinheiro.
- b) A ciência teve, também, grande desenvolvimento.
- c) Acreditavam na origem divina do homem.
- d) Não acreditavam no fatalismo.

10. Explique a teoria de Taine.

11. Em que consiste a teoria Evolucionista?

12. As manifestações artísticas do Realismo:

- a) Usam muitos símbolos.
- b) Representam o real, sem idealização e sentimentalismo.
- c) Fazem da arte uma denúncia.
- d) Praticam arte pela arte.

13. Estabeleça a diferença entre Realismo e Naturalismo:

Personagem Realista:

Personagem Naturalista:

Tema Realista:

Tema Naturalista

Romance Realista:

Romance Naturalista:

O que os dois movimentos têm em comum?

Qual era a situação social do Brasil na época do aparecimento do Realismo e Naturalismo?

Autores e Obras do Período

1. Machado de Assis – (1839-1908)

“O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis”.

Alfredo Bosi

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu e morreu no Rio de Janeiro, que deixou apenas uma vez para umas férias em Friburgo. Nascido em família humilde, começou vendendo os doces que a madrastra fazia. Tornou-se, depois, sacristão da Igreja de Lampadosa. Obteve, em seguida, o lugar de aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, dirigida, na época, por Manuel Antônio de Almeida, o autor de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1845), um romance picaresco, quase realista, em pleno apogeu do Romantismo. Casou-se em 1869 com Dona Carolina Augusta Xavier de Novaes, portuguesa recém-chegada ao Brasil, que o ajudou no aprimoramento da sua cultura, até então quase toda autodidata. Entrou, nessa época, para o serviço público e chegou ao cargo de Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Viação. Fundou a Academia Brasileira de Letras (1897), da qual foi, por aclamação, o primeiro presidente. Teve intensa atividade na imprensa, criando a crônica, de que se tornou um grande

mestre. Considerado um dos mais completos escritores brasileiros: poeta, contista, romancista, dramaturgo e crítico literário, além de jornalista. Machado de Assis tem obras românticas, escritas até os seus quarenta anos (1879), e realistas, depois dessa data. Os seus melhores romances, de mais profunda análise da alma humana, são os de fim de século: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899).

Obras

1ª Fase

Teatro: *Desencantos* (1861); *Teatro* (1863); *Quase Ministro* (1864).

Poesia: *Crisálidas* (1864); *Falenas* (1870); *Americanas* (1875).

Conto: *Contos Fluminenses* (1870); *Histórias da Meia-Noite* (1873).

Romance: *Ressurreição* (1872); *A Mão e a Luva* (1876); *Iaiá Garcia* (1878).

A primeira fase apresenta, entre outras, como principais características: soluções estéticas mais próximas do Romantismo; tênues traços de humor, mas desprovidos de pessimismo, de ceticismo e de ironia; o sentimentalismo supera as sugestões sensualistas e erotizantes.

2ª Fase

Poesia: *Poesias Completas* (1901).

Conto: *Papéis Avulsos* (1882); *Histórias sem Data* (1884); *Várias Histórias* (1895).

Romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908).

Ensaio, Crônicas: *Páginas Recolhidas* (1899); *Relíquias da Casa Velha* (1906).

Na segunda fase, o autor:

- ✓ extirpa o “sentimentalismo” e o “moralismo superficial”;
- ✓ extingue a “fictícia unidade da pessoa humana”;
- ✓ despreza as “frases piegas” e “o receio de chocar preconceitos” ;
- ✓ elimina “a concepção do predomínio do amor sobre todas as paixões”;
- ✓ afirma “a possibilidade de escrever um livro sem recorrer à natureza”;
- ✓ desdenha a “cor local”;
- ✓ introduz, “finalmente, entre nós, o humorismo”.

Características Gerais da Obra Machadiana

Personagens

Preocupado em fixar a problemática do homem universal, Machado busca inspiração no homem comum e nas ações cotidianas. Por isso, seus romances não se prendem a seres extraordinários ou a ações espetaculares. Penetrando na consciência da personagem, sondando-lhe o funcionamento, Machado focaliza impiedosa e penetrantemente a vaidade, as frivolidades, a hipocrisia, a ambição, a inveja, o adultério.

“... mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens. Esta orça pela servilidade; a outra confunde-se com a afeição. As formas graciosamente curvas, a palavra doce, a mesma fraqueza física dão à ação lisonjeira da mulher, uma cor local, um aspecto legítimo. Não importa idade do adulado; a mulher

há de ter sempre para ele uns ares de mãe ou de irmã, ou ainda de enfermeira...”

Visão de Mundo

Todo autor deixa transparecer, através de sua obra, sua visão do mundo, sua maneira particular de enxergar a realidade (entendendo realidade não só como os dados exteriores e materiais, mas também como os dados interiores e imateriais). A frequência de determinados traços na obra de Machado permite ressaltar algumas das características que evidenciam sua maneira particular de ver o mundo.

a) Pessimismo

Alguns fatores são responsáveis pela visão pessimista que transparece na obra de Machado:

- ✓ A certeza de que o homem se deforma devido a um sistema social que o leva à hipocrisia, com a finalidade de ser aceito por uma opinião pública baseada em valores não essenciais à vida.
- ✓ A constatação de que o “tédio e a dor são os dois inimigos da felicidade humana”.
- ✓ A constatação de que a cada ser humano compete viver uma vida que ele não escolheu e cujo destino lhe escapa.
- ✓ A estes três elementos acrescenta-se a certeza machadiana de que as causas, por mais nobres que sejam, ocultam sempre interesses impuros.
- ✓ Seu pessimismo, no entanto, não apresenta um caráter angustiado nem desesperador. Antes se inclina à ironia, à aceitação da compensação relativa que a vida nos pode oferecer.

A passagem seguinte, retirada de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresenta uma visão de desencanto em relação ao homem:

“Cada edição da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes”.

Segue-se um fragmento narrativo, retirado do capítulo Das Negativas, em que podemos comprovar o negativismo da visão de mundo do autor:

“Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. (...) Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

b) Humor

Em Machado, o humor tem uma função crítica ou demonstra pena da condição humana. No primeiro caso, torna-se ironia e, no segundo, esse humor nos leva, às vezes, a um misto de riso e piedade, mas, sobretudo conduz o leitor a uma reflexão sobre a condição humana.

No exemplo a seguir, Machado desvaloriza, a partir da ironia, a prática da dedicatória, invertendo o seu caráter positivo de agradecimento:

“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”.

Leia alguns trechos de obras de Machado de Assis que comprovam essas características:

“... Tu tens pressa de envelhecer e o livro anda devagar: tu amas a narração direta e nutrida, estilo regular e fluente e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita, à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”.

“... Perdão, mas este capítulo devia ser precedido de outro em que contasse um incidente, ocorrido poucas semanas antes, dois meses antes da partida de Sancha. Vou escrevê-lo; podia antepô-lo a este, antes de mandar o livro ao prelo, mas custa muito alterar o número das páginas: vai assim mesmo, depois a narração seguirá direita até o fim”.

Personagem x Paisagem

O foco de análise está profundamente centrado no homem, na penetração da intimidade dos personagens. Abafa todo interesse por elementos exteriores, ao contrário dos românticos, que estavam mais preocupados com a imagem exterior da “nacionalidade”, com a “cor local” - no caso, a pujança da paisagem, o vigor da natureza - e a tipicidade do elemento humano, do indígena, em especial.

Temas

Com o que se estudou, já está claro que o tema obsessivamente repetido na ficção machadiana é o homem, e que todos os demais elementos se conjugam para conduzir a ele. Mas sob que aspectos é encarado este homem?

A visão machadiana é amarga, pessimista, profundamente cética, uma vez que ele visualiza o ser humano como que preso em estreitos círculos - biológicos, morais, psicológicos que, numa pressão concêntrica, acabam esmagando qualquer valor positivo.

O tema da degenerescência ou da decomposição do homem é uma das tônicas do criador de Brás Cubas, o defunto-autor, que serve para exemplificar os três aspectos mais significativos que assume o tema:

- ✓ a degenerescência biológica - que se configura pela degradação por que passa o corpo do homem durante a vida, com suas doenças, velhice e morte;
- ✓ a degenerescência moral - que se manifesta na permanente acomodação entre as ações e as intenções que levam o personagem a agir, despistando seus interesses mais baixos ou justificando os próprios impulsos mediante raciocínios sutis e motivos nobres, mascarando permanentemente a ambição e as pequenas traições cotidianas;
- ✓ a degenerescência psicológica - que se explica sobretudo no desarranjo dos sentidos, nas situações de delírio, e que culmina com a loucura, um dos aspectos mais contraditórios ao longo da segunda fase.

Concluindo

Independentemente do pessimismo e do ceticismo que contaminam a visão do homem na obra machadiana, é ela extremamente significativa do ponto de vista de realização literária, na medida em que não só procura fornecer elementos para conhecimento da problemática humana, em seus pontos mais importantes, como ainda o faz mediante técnicas de narração que se mostram altamente elaboradas, numa linguagem que pode ser chamada de clássica, pelo rigor do emprego do vocabulário, pela fluência da sintaxe, pela riqueza de sugestões das figuras de que se utiliza o autor para criar climas extremamente significativos, linguística e esteticamente.

Do ponto de vista de sua classificação, conclui-se que Machado de Assis aproveita elementos do Romantismo, do Realismo e do Naturalismo, embora não se subordine a nenhuma destas estéticas. Cronologicamente, escreve durante a vigência do Realismo e do Naturalismo e por razões didáticas, é geralmente enquadrado neste período.

Exercício

Identifique as características de Machado de Assis, no texto:

“Cansado e aborrecido, entendi que não podia achar a felicidade em parte nenhuma; fui além: acreditei que ela não existia na terra, e preparei-me desde ontem para o grande mergulho na eternidade. Hoje, almocei, fumei um charuto e debrucei-me à janela. No fim de dez minutos, vi passar um homem bem trajado, fitando a miúdo os pés. Conheci-o de vista: era uma vítima dos grandes revezes, mas ia risonho, e contemplava os pés, digo mal, os sapatos. Estes eram novos, de verniz, muito bem talhados, e possivelmente cosidos a primor. Ele levantava os olhos para as janelas, para as pessoas, mas tornava-os aos sapatos, como por uma lei de atração, anterior e superiorvontade. Ia alegre, via-se-lhe no rosto a expressão de bem-aventurança. Evidentemente era feliz; e talvez, não tivesse almoçado; talvez mesmo não levasse um vintém no bolso. Mas ia feliz, e contemplava as botas.

A felicidade será um par de botas? Esse homem, tão esbofeteado pela vida, achou finalmente o riso de fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preocupação deste século, nenhum problema social ou moral, nem as tristezas de que termina, miséria ou guerra de classes, crises da arte e da política, nada vale, para ele, um par de botas. Ele fita-se, ele respira-as, ele reluz com elas, ele calca com elas o chão de um globo que lhe pertence. Daí o orgulho das atitudes, a rigidez dos passos, e um certo ar de tranquilidade olímpica... Sim, a felicidade é um par de botas.”

Machado de Assis - *Histórias sem Data*

A Cartomante

HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

Onde é a casa?

Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo

entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora.” Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, - repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, - o que era ainda pior, - eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. “Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

“Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...”.

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

- Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: “Vem já, já...” E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar...

Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo. E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não... A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

- As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular.

Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

Pergunte ao seu coração, respondeu ela. Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

Desculpa, não pude vir mais cedo; que há? Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

Aluísio Azevedo (1857-1913) – Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís, Maranhão, em 1857. Depois de seus primeiros estudos, dedicou-se ao comércio, como caixeiro. Com quatorze anos, estudou pintura no Liceu Maranhense, mas não concretizou seus objetivos neste campo artístico. Iniciou na imprensa como caricaturista de “O Figaro” e, em 1878, foi obrigado a voltar a São Luís devido à morte do pai. Nessa época, publicou o romance *Uma Lágrima de Mulher*, ainda de inspiração romântica. As leituras de Zola e Eça mostraram-lhe um novo caminho. Em 1881, publicou, então, *O Mulato*, com o qual inaugurou o Naturalismo na literatura brasileira. O romance provocou violenta reação na sociedade maranhense, coagindo-o a retornar ao Rio de Janeiro. Dessa fase em diante, dedicou-se à literatura e à imprensa, publicando romances, escrevendo folhetins e contos na imprensa. Aprovado em concurso, foi nomeado para o cargo de vice-cônsul em Vigo (Espanha). Fora do Brasil, abandonou a carreira de escritor, deixando apenas um livro como registro de suas viagens pelo Oriente. Faleceu em Buenos Aires, em 1913.

Na carreira literária de Aluísio Azevedo, distinguimos duas fases: a composição de obras para imprensa, com o intuito de se sustentar na vida modesta e sem recursos, e a produção de verdadeiras obras-primas em que se encontram os romances de intenção artística, quando adere ao espírito naturalista e passa a analisar o comportamento da sociedade burguesa. linha folhetesca pertencem: *Memórias de um Condenado*, publicado posteriormente com o título de *A Condessa Vésper*, *Mistérios da Tijuca*, (reeditado com o nome de *Girândola dos Amores*), *Filomena Borges*, *O Esqueleto* e *A Mortalha de Alzira*. São livros de feição romântica, escritos para satisfazer às solicitações do jornal.

Linha artística filiam-se *O Mulato*, *Casa de Pensão*, *O Coruja*, *O Homem*, *O Cortiço* e *O Livro de Uma Sogra*.

Aluísio Azevedo - disse Valentim Magalhães - "é no Brasil talvez o único escritor que ganha o pão exclusivamente à custa de sua pena, mas note-se que apenas ganha o pão: as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga".

"Aluísio Azevedo foi um dos raros romancistas de massas na literatura brasileira".

Lúcia Miguel Pereira

Os romances do autor são teses que objetivam provar determinadas concepções consideradas científicas no século XIX. A seguir temos exemplos em que o autor se utiliza de situações vividas pelos personagens para afirmar certas teses sobre a determinação sociobiológica do comportamento do homem:

"E não se lembrava, o imprudente, de que o amor de pai é bem contrário ao amor de filho; não se lembrava de que aquele nasce e subsiste por si e que este precisa ser criado; que aquele é um princípio e que este é uma consequência; que um vem de dentro para fora e que o outro vem de fora para dentro. Não se lembrava, o infeliz, de que o primeiro existirá fatalmente, por uma lei indefectível da natureza; ao passo que o segundo só aparecerá se lhe derem elementos de vida".

Casa de Pensão

(...) "mas desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes."

O Cortiço

Neste último fragmento, temos uma descrição bastante objetiva do suicídio de Bertoleza. Atente-se para a ausência de sentimentalismo e para a animalização da personagem:

"Os policiais, vendo que ela não se despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue."

O Cortiço

Características de sua Obra

Os diálogos são vivos e naturais. As descrições minuciosas e precisas. O romancista não se preocupa em criar tipos que permaneçam, pela sua originalidade e pela personalidade identificadora e singular. Sua ocupação artística reside em verificar o comportamento social dos seres que cria. Melhor ainda: quer sondar até que ponto o social é capaz de determinar a vida

individual do ser humano, como ocorre com os inúmeros portugueses que pululam no livro, todos aos poucos se condicionando ao clima, ao meio tropical brasileiro, perdendo suas qualidades sóbrias e modestas para caírem vítimas do sensualismo tropical e da malandragem coletiva que domina a todos. O que seus personagens possuem de interior é revelado no retrato superficial e ligeiro, na reiteração dos gestos e na repetição dos mesmos tiques e cacoetes: uso de determinadas palavras, modo de andar, jeito de se vestir, movimento do corpo, das mãos, dos olhos. Sua preferência é pelo cotidiano, pelo comum a todos, pela visão inteiriça e total da sociedade, ou melhor, dos aspectos sórdidos e negativos da sociedade. Por isso, sua linguagem tem que ser clara, simples, direta e correta, além de viva, palpitante e incisiva.

O Cortiço é sua obra-prima. Aluísio se preocupa, acima de tudo, em mostrar o procedimento da coletividade. O protagonista do romance o ambiente do cortiço, com toda a movimentação de seus personagens.

Enredo

João Romão, empregado dum vendeiro, consegue comprar a venda do patrão, depois de muito economizar. Constrói, então, um conjunto de casinhas, que formam o “O Cortiço São Romão”. Amiga-se com Bertoleza, a escrava que se submete a todas as privações para servir a ele, que considera seu senhor. O cortiço progride, desenvolve-se e expande-se através dos dramas, vícios e paixões de seus habitantes. Quando fica rico, João Romão, para ascender socialmente, vai casar-se com Zulmira, filha de um aristocrata, vizinho de suas propriedades. Bertoleza suicida-se.

A grande preocupação do autor é apresentar e analisar os mais variados tipos humanos que constituem o pequeno mundo do cortiço: Leandra (a machona), Jerônimo (o cavouqueiro português), Firmo (o capoeira), Libório (o velho interesseiro), Pombinha (a moça transformada em meretriz).

Aluísio Azevedo é, pois, o romancista social. Em *O Mulato*, retrata a vida da província, apresentando contundente crítica ao preconceito de cor; em *Casa de Pensão*, espelha a cidade do Rio de Janeiro, espaço característico de sua ficção.

Raul Pompeia (1863 - 1895) – *O Ateneu* é a obra-prima.

Características:

A obra *O Ateneu* compõe-se de uma série de episódios e reflexões sobre a vida de internato (o relacionamento entre os adolescentes, o ensino, os professores, as efemérides), apresentados pelo narrador memorialista (Sérgio).

No fragmento que segue, percebe-se a crítica social à instituição escolar, prática recorrente na estética realista que põe em xeque todos os valores sociais. Aqui a escola, em vez de templo do saber, apenas reflete o social em que predomina a lei do mais forte.

“Isto é uma multidão, é preciso força dos cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos...”

Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores”.

A obra apresenta traços impressionistas, ou seja, o autor não retrata a realidade diretamente, mas a impressão que ela produz.

Poderemos verificar a presença do Impressionismo no exemplo abaixo, no qual se revela a impressão que o autor guardou do diretor da escola (Aristarco):

“... mas o retrato que me ficou para sempre do meu diretor, foi aquele - o belo bigode branco, o queixo barbeado, o olhar perdido nas trevas, fotografia estática, na aventura de um raio elétrico”.

Júlio César Ribeiro (1845-1890) – Filho de pai norte-americano dedicou-se ao jornalismo e ao ensino. Era franco abolicionista e, em seu jornal, em Sorocaba, eram proibidos anúncios sobre escravos fugidos. Bateu-se pelos ideais republicanos. Foi também filósofo.

Obras:

Romances: *O Padre Belchior de Pontes* (1876 - 1877); *A Carne* (1888).

Diversos: *Cartas Sertanejas* (1885); *Gramática Portuguesa* (1881) *Procelárias* (trabalhos em periódicos).

Características

Era intransigente nas suas opiniões: polêmico por natureza revidou as críticas feitas a seu livro *A Carne pelo Padre Sena Freitas*, com uma verdadeira enxurrada de insultos. Esses artigos fazem parte de *Procelárias*. O romance *A Carne* foi recebido com pedradas e, nas épocas posteriores, continuou a sofrer críticas. É um dos livros mais reeditados no Brasil e sempre esgotado, merecendo inclusive uma edição cinematográfica.

Adolfo Ferreira Caminha (1867 - 1897) – Adepto da República, amigo da liberdade, escreveu artigo protestando contra os castigos corporais a bordo dos navios de guerra.

Obras: *A Normalista* (1893); *O Bom Crioulo* (1895); *Tentação* (1896).

Características:

Em *O Bom Crioulo*, versa com minúcias, por vezes repugnantes, sobre o homossexualismo, ao mesmo tempo em que condena os castigos aplicados aos negros, alusão clara aos castigos corporais em voga na marinha.

Em *A Normalista*, ridiculariza o provincianismo tacanho, e, em *Tentação*, numa espécie de arrependimento, exalta a boa moral da província contra a corrupção reinante nos grandes centros.

Possuidor de um estilo muito preciso e inflamado quando caricatura seus inimigos ou descreve cenas abomináveis. No fragmento que segue, veem-se passagens bem naturalistas, enfatizando a tese do determinismo biológico. A personagem, desprovida de razão, é dominada pelo instinto sexual, animalizando-se:

“Seu instinto de mulher nova acordara agora obscurecendo-lhe todas as outras faculdades, ao cheiro almiscarado que transudava dos sovacos de João da Mata.

Coisa extraordinária! aquele fartum de suor e sarro de cachimbo produzia-lhe um efeito singular nos sentidos, como uma mistura de essências sutis e deliciosas, desconsertando-lhe as ideias. Uma coisa impelia-a para o padrinho, sem que ela compreendesse exatamente essa força oculta e misteriosa”.

A Normalista

Exercícios

Cite três fatores que influíram no aparecimento do Realismo.

O Realismo foi inaugurado na França, em 1857, por Flaubert e a obra:

No Brasil, o Realismo iniciou-se em 1881, com a obra:

Cite cinco características realistas:

Como podemos caracterizar o Romance Realista?

Quais os três elementos a que Taine condicionava a Obra Literária?

A obra que inaugurou o Naturalismo no Brasil foi _____ de Aluísio Azevedo, em _____, mas sua obra-prima foi: _____.

Por que o Romance Naturalista recebe o nome de experimental?

Cite cinco características naturalistas.

Destaque as características que diferenciam Realismo do Naturalismo:

Nas questões a seguir, assinale a resposta certa:

De origem humílima (filho de um mulato e de uma lavadeira portuguesa dos Açores), tornou-se um dos maiores escritores brasileiros. Sua obra é polimórfica: abrange a poesia, o conto, o romance, a crônica, o teatro e o ensaio.

Estes breves dados bibliográficos correspondem a:

- a) José de Alencar;
- b) Machado de Assis;
- c) Mário de Andrade;
- d) Monteiro Lobato;
- e) Érico Veríssimo.

São constantes no romance machadiano:

- a) o humor fino, a preferência pela psicologia feminina, o pessimismo, o tom filosófico.
- b) a ironia, a preferência pela psicologia masculina, a revolta, os capítulos curtos.
- c) o senso de proporção, o vocábulo preciso, a crença na bondade humana, a sátira.
- d) o humor fino, a preferência pela psicologia masculina, o pessimismo, o tom filosófico.
- e) a ironia, o senso de proporção, preferência pela psicologia feminina, os capítulos curtos, a sátira.

Machado de Assis, na sua obra de ficção narrativa:

- a) começou romântico e como tal se manteve na idealização com que descreve as personagens de suas obras.
- b) condenou o Romantismo e introduziu no Brasil o Realismo, que só trocou pelo Naturalismo.
- c) centrou suas críticas na sociedade de sua época; por isso está ultrapassado: o homem moderno não pode ver-se em suas personagens.
- d) investigou em profundidade o homem universal, nas personagens cotidianas, indo além da crítica à sociedade.
- e) norteou-se pelos princípios do Naturalismo, ressaltando sempre os fatores biológicos do comportamento humano.

Pode-se dizer a respeito de Aluísio Azevedo:

- a) Em seus romances encontramos análises profundas da psicologia das personagens, o que o associa ao realismo machadiano.
- b) Sua primeira obra naturalista atacava o preconceito racial arraigado na província.
- c) Apesar de colocar suas personagens no cenário de cortiços ou casas de pensão, faz com que vivam o amor de acordo com a concepção romântica.
- d) Não escreveu para teatro, mas desenvolveu, paralela-mente à ficção, uma vasta obra crítica teatral.
- e) Foi naturalista tão ferrenho, que atacou os romancistas de sua geração que ainda cultivavam os folhetins românticos.

Qual das afirmações abaixo, sobre *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, é correta?

- a) É uma das obras românticas do autor, pela exuberância das descrições da paisagem urbana.
- b) É um romance social, com uma personagem dominante: a habitação coletiva, dentro da qual se movem criaturas oprimidas e marginalizadas.
- c) É o primeiro romance naturalista brasileiro e centra-se na denúncia do preconceito racial no Maranhão.
- d) É um romance de análise introspectiva, centrada no amor puro de uma adolescente que vem a ser corrompida pelo meio social em que vive.
- e) É um romance panfleto, que denuncia os problemas sociais existentes no Maranhão, sobretudo os cortiços.

(FCC-RJ) Os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Mulato*, do último quartel do século XIX, inauguram concepções estéticas e filosóficas que se opõem ao:

- Romantismo;
- Arcadismo;
- Realismo;
- Simbolismo;
- Naturalismo.

(Santa Casa - SP) “De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gritar os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a ‘gentil Carolina era bela’ (...) Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos irascíveis, mordiam o ar, querendo morder os mosquitos”.

A denúncia de profundos desajustes, originários de um ambiente degradado pela miséria - que muitas vezes reduz o homem a um caso de patologia social e humana - é preocupação frequente de certa corrente literária. O excerto acima, que exemplifica essa tendência, é representativo:

- a) do primeiro momento do Romantismo;
- b) do Simbolismo;
- c) do Ultrarromantismo;
- d) do Naturalismo;
- e) da primeira geração modernista.

Parnasianismo

Profissão de Fé

“Le poète est ciseleur,
Le ciseleur est poète.”

Victor Hugo

Não quero o Zeus Capitolino
Hercúleo e belo,
Talhar no mármore divino
Com o camartelo.

Que outro - não eu! - a pedra corte
Para, brutal,
Erguer de Atene o altivo porte
Descomunal.

Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A idéia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão subtil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E horas sem conto passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever - tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!

Deusa! A onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer; e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!

Blasfemo> em grita surda e horrendo
Ímpeto, o bando
Venha dos bárbaros crescendo,
Vociferando...

Deixa-o: que venha e uivando passe
- Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

Olha-os somente, armada e pronta,
Radiante e bela:
E, ao braço o escudo> a raiva afronta
Dessa procela!

Este que à frente vem, e o todo
Possui minaz
De um vândalo ou de um visigodo,
Cruel e audaz;

Este, que, de entre os mais, o vulto
Ferrenho alteia,
E, em jato, expele o amargo insulto
Que te enlameia:

É em vão que as forças cansa, e â luta
Se atira; é em vão
Que brande no ar a maça bruta
A bruta mão.

Não morrerás, Deusa sublime!
Do trono egrégio
Assistirás intacta ao crime
Do sacrilégio.

E, se morreres por ventura,
Possa eu morrer
Contigo, e a mesma noite escura
Nos envolver!

Ah! ver por terra, profanada,
A ara partida
E a Arte imortal aos pés calcada,
Prostituída!...

Ver derribar do eterno sólio
O Belo, e o som
Ouvir da queda do Acropólio,
Do Partenon!...

Sem sacerdote, a Crença morta
Sentir, e o susto
Ver, e o extermínio, entrando a porta

É-nos difícil, em outra época, com outros valores, entender tamanho “amor” do poeta pela Língua e pela FORMA, mas o poema serve muito bem para mostrar a preocupação fundamental dos poetas parnasianos, ou seja, a BUSCA DA PERFEIÇÃO FORMAL.

Exercícios

Agora, após tomar fôlego, resolva os exercícios propostos que o ajudarão a entender o Parnasianismo. Responda ao que se pede:

A que se compara o poeta ao elaborar uma poesia? Por quê?

Que tipo de cultura é evocada no decorrer de todo o poema?

Que tipo de sintaxe predomina: a ordem direta ou ordem inversa? Por quê? Transcreva versos que exemplifiquem:

Segundo o texto, quais as condições necessárias para a efetivação do trabalho poético?

Na 12ª estrofe, o poeta fala sobre o ofício de escrever. É, segundo ele, fácil ou difícil escrever bem? Por quê?

O texto reflete a impassibilidade pregada pelos poetas parnasianos? Explique.

Os parnasianos buscavam encontrar palavras raras e incomuns... Localize algumas dessas palavras no texto e procure seu sentido no dicionário.

Qual a ideia central da 13ª estrofe?

Lendo essa proposta de poesia, você conclui que é mais importante o conteúdo, a mensagem ou a forma, a técnica?

Considerando que a Língua é uma realidade histórica sujeita a mudanças, o ideal do poeta (cristalização da linguagem) é viável? Por quê?

Parnasianismo foi uma fase de reação contra o ROMANTISMO e correspondeu, na poesia, àquilo que o Realismo representou na prosa. O nome provém da revista francesa Parnaso Contemporâneo (Le Parnase Contemporain), revista literária que preconizava os ideais da Escola. Foi ali que nossos poetas buscaram seus modelos. É interessante notar-se também que tal movimento só existiu, ao menos com expressão, na França e no Brasil.

Determina-se o início do Parnasianismo no Brasil no ano de 1882, com a publicação de *Fanfarras*, de Teófilo Dias.

Características

Além das características gerais da Escola Realista, o Parnasianismo exigia técnica de composição muito severa. Eis as principais características:

- ✓ A perfeição está na forma.
- ✓ Correção absoluta de linguagem, com predomínio da ordem indireta.
- ✓ Comedimento no emprego de figuras de ornamento.

- ✓ Musicalidade nos versos, adquirida, principalmente, na variedade de vogais.
- ✓ Emprego de rimas ricas e raras; de palavras raras, incomuns.
- ✓ Arte pela arte; ela existe somente para si mesma e não em função da moral, religião, etc.
- ✓ Poesia descritiva, com predomínio da descrição do real, mas não da análise.
- ✓ Preferência por formas poéticas fixas, especialmente o Soneto.
- ✓ Gosto pelo exotismo.
- ✓ Contenção emotiva.
- ✓ Desprezo aos temas individuais.
- ✓ Objetividade e impassibilidade na composição.
- ✓ Os poetas brasileiros não conseguiram atingir a tal impassibilidade e objetividade, criando um “lirismo objetivo”, em que entram o amor, a saudade, a despedida, a solidão, os sonhos e a evasão.

Autores do Período

Alberto de Oliveira – Poeta das Palmeiras – (1859 - 1937)

Características:

- ✓ Técnica de composição apurada.
- ✓ Ritmo elegante, vocabulário preciso e rimas trabalhadas.
- ✓ Predomínio da descrição de paisagens e objetos.
- ✓ Impassível de início vai aderindo ao lirismo objetivo.

Obras: *Canções Românticas; Meridionais; Versos e Rimas; Sonetos e Poemas; Poesias* (4 séries); *Livro de Ema*.

Composições Consagradas – Vaso Grego, Vaso Chinês, Aspiração, O Muro, Alma em Flor.

Alma em Flor

Vem! Se ao meu peito alguém colasse o ouvido,
isto ouviria então como uma prece
já sussurrando: - sonho meu querido,
vem! Abre as alas! Mostra-te, aparece!

Queima-me a fronte, a vista se amortece,
aflui-me o sangue ao cérebro incendiado.
Oh! Vem! Não tardes, que me desfalece
o coração gemido por gemido.

Vem, que eu não posso mais. Olha, o que vejo
em derredor de mim, é tudo afeto,
amor, núpcias, carícia, enlace, beijo...

Paira por tudo uma volúpia infinda
une-se flor a flor, inseto a inseto...
E eu até quando hei de esperar ainda?

Observe:

- ✓ O texto é essencialmente descritivo.
- ✓ Há presença da palmeira e das flores.
- ✓ A rima é formada por classes de palavras diferentes, rica, portanto.
- ✓ O autor tem preferência pela ordem inversa.
- ✓ O texto pertence à fase de maturidade do poeta (Poesias 2ª Edição) e o mostra mais emotivo.

Vaso Chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

Raimundo Correia – Poeta das Pombas – (1860-1911)

Características

- ✓ Sentimento de transitoriedade.
- ✓ Preocupação existencial.
- ✓ Grande sensibilidade e poder pictórico.
- ✓ A poesia atinge profundidade psicológica.
- ✓ Poesia filosófica e pessimista.

Obras

Primeiros Sonhos; Sinfonias; Versos e Versões; Aleluias; Poesias.

Composições Consagradas – Mal Secreto, As Pombas, A Cavalgada, Banzo.

Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,

Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja a ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Observe

- ✓ Opção pelo soneto, forma cara aos parnasianos.
- ✓ Poesia existencialista/psicológica, tematizando a dicotomia existente entre essência e aparência.
- ✓ Percepção negativa do homem, enfatizando a dor, a angústia e a miséria humana.

As Pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
Das pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sangüinea e fresca a madrugada.

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo elas, serenas,
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam
Os sonhos, um a um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais.

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac – Poeta das Estrelas – (1865-1918)

Características

- ✓ Busca o perfeccionismo formal.
- ✓ Presença do sentimentalismo e subjetivismo.
- ✓ Cultivou o lirismo amoroso-erótico.
- ✓ Empreendedor de campanhas nacionalistas.

Obras

✓ **Poesias (1888) que compreende:**

a) *Panópias* (rigorosamente parnasiano); *Via-Láctea* (lirismo singelo, amorosidade); *Sarças de Fogo* (erótico); *O Caçador de Esmeraldas* (épico); *Alma Inquieta*.

Poesias Infantis: *Tarde* (1919), (serenidade, meditativo).

Composições Consagradas: Ouvir Estrelas, Nel Mezzo del Camin, Língua Portuguesa, O Julgamento de Frineia, Satânia, Inania Verba, Hino à Bandeira.

Tercetos

I

“Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

‘Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojés à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! até que o dia resplandeça,
Aquece-me com tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!’
- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

II

E, já manhã, quando ela me pedia
Que de seu claro corpo me afastasse,
Eu, com olhos em lágrimas, dizia:
“Não pode ser! Não vês que o dia nasce?”

Ouvir Estrelas

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!’ E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pátio aberto,

Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: 'Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?'

E eu vos direi: 'Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.'"

Nel Mezzo del Camin...

"Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo."

Apesar dos poetas parnasianos se colocarem como antirromânticos, nesses poemas encontramos um Olavo Bilac sentimental, romântico e subjetivo. Comprove estas afirmações a partir de elementos dos textos. Estabeleça um paralelo destes poemas com o poema "Ainda Uma Vez Adeus" de Gonçalves Dias, presente na parte do Romantismo desta apostila.

Língua Portuguesa

"Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que, na ganga impura,
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço e o teu aroma
De virgens selvas e de oceanos largos!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: 'meu filho!
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!"

A um Poeta

"Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve!
No aconchego Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade."

O fragmento a seguir revela a opção do poeta pelo veio cívico:

"Ama com fé e orgulho a Terra em que nasceste Criança,
não verás nenhum país como este Olha que céu, que mar,
que rio, que florestas A natureza, aqui, perpetuamente em
festa, um seio de mãe a transbordar carinhos".

Vicente Augusto de Carvalho - Poeta do Mar – (1866 -1924)

Características:

- ✓ Poesia acentuadamente lírica.
- ✓ Temas preferidos: natureza e mar.

Obras: Ardentias; Relicário; Rosa, Rosa de Amor; Poemas e Canções.

Velho Tema

"Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sono que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada

E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.”

Palavras ao Mar

“Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brisas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo eriça o pelo!

Ouçõ-te às vezes revoltado e brusco,
Escondido, fantástico, atirando
Pela sombra das noites sem estrelas
A blasfêmia colérica das ondas...

Também eu ergo às vezes
Imprecações, clamores e blasfêmias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino... Crime absurdo

O crime de nascer! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por esta angústia do meu sonho inútil.

Maldita a vida que promete e falta,
Que mostra o céu prendendo-nos à terra,
E, dando as asas, não permite o voo!”

Fragmento naturista, poetizando o mar, motivo recorrente em Vicente de Carvalho. Da fusão do sensorial e do emotivo nasce uma linguagem rica em imagens da natureza e em ressonâncias psicológicas e existenciais. O tom é pessimista e melancólico, característica da poesia parnasiana em geral.

Emílio de Menezes – O Último Boêmio – (1866-1918) – Curitibano de nascimento, viveu no Rio, sendo muito apreciado pelo seu humor e poesia satírica. Sua poesia é difícil pela preocupação constante com a rima rara, tornando o vocabulário inatingível e bizarro. Apesar do homem brincalhão, suas poesias refletem preocupação acentuada com a morte.

Obras – Marcha Fúnebre; Últimas Rimas; Mortalha.

No poema a seguir, o poeta trata, entre outros temas, da morte, motivo recorrente em sua poética:

“Vida, não tens os ódios nem a estima
De quem o gozo teu não desconhece.

Conhecendo, entretanto, a farta messe
De dissabores que o teu seio anima.

Do mal abaixo e da bondade acima
Esta se alteia quando aquele desce,
E, muda a voz, sem pragas e sem prece,
Não há quem, alto, tal estado exprima.

Logo velado por neblinas densas
luz do sol e ao luar sempre escondido,
Noss'alma, em nada crê, nem tem descrenças.

E ó morte, eu te desejo convencido
E orgulhoso do bem que me dispensas,
Na glória de morrer sem ter vivido! ...”

Exercícios

Assinale a alternativa correta:

A Poesia Realista chamou-se:

- a) Simbolismo;
- b) Modernismo;
- c) Marinismo;
- d) Parnasianismo;
- e) Eufuísmo.

A Poesia Parnasiana:

- a) preocupava-se com o subjetivismo exagerado do autor.
- b) tinha em mira apenas os problemas contemporâneos do poeta.
- c) fazia arte pela arte e se voltava ao passado das civilizações clássicas.
- d) era de uma nostalgia sem limites.
- e) não se preocupava com a linguagem.

Está (ão) correta (s):

- a) O surgimento da poesia parnasiana fez desaparecer, na época, o interesse pela poesia romântica, cujo último grande nome fora Castro Alves, falecido em 1871.
- b) O Parnasianismo constitui-se numa corrente poética de vanguarda e teve, por isso, enorme repercussão e aceitação no movimento modernista.
- c) Em geral, o poeta parnasiano preza mais a forma do que o conteúdo.
- d) Uma das tarefas centrais do Parnasianismo foi dar roupagem nova à tradição clássica, fato que se exprime principalmente na utilização de fontes latinas ou gregas, mais ou menos adaptadas ao gosto moderno.
- e) O Parnasianismo, com a máxima da “arte pela arte”, pregando o desvinculamento da realidade político-social, existiu predominantemente no Brasil e na França, ao passo que, em outros países, o que realmente existiu foi uma poesia realista, que não dispensava tal temática.
- f) Em sua maioria, nossos poetas parnasianos deixaram uma obra que atende bem ao princípio da objetividade e impassibilidade e o melhor exemplo disso é Olavo Bilac.

Associe:

1. Olavo Bilac
2. Alberto de Oliveira
3. Raimundo Correia

- () Uma de suas principais obras é *Tarde*, expressão das angústias de maturidade.
- () Foi por excelência o poeta "SCHOPENHAURIANO" dessa fase esteticista chamada Parnasianismo: sensibilidade voltada para a auscultação das dores do mundo.
- () Entre os parnasianos, foi considerado o mais técnico e formal, o mais apegado aos cânones da escola.
- () Alguns o chamam, de forma simplista, de parnasiano na forma e romântico no conteúdo.
- () Foi o mais popular, o mais apreciado poeta parnasiano, certamente pelo entusiasmo ou pela sensualidade que brotam em sua poesia.
- () Sua poesia é, principalmente, marcada pela angústia do tempo e pelo pessimismo.
- () Em *Poesias*, que contém *Panóplias*, *Via-Láctea*, *Sarças de Fogo* e outras, a inquietação do poeta é ampla e variada, ao contrário de seu livro final.
- () Dentre seus temas, podemos destacar a descrição da beleza plástica da mulher e o patriotismo.
- () Foi exímio paisagista, com predominância de palmeiras e flores.
- () É o mais filosófico dos parnasianos e há em seus versos profunda preocupação com a efemeridade da vida e angústia existencial.

Identifique o autor dos versos, valendo-se da seguinte classificação:

Olavo Bilac
Raimundo Correia
Alberto de Oliveira
Vicente de Carvalho

"Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada..."

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! 'E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..."

"Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos,
Toda arreada de dourados pomos,

Existe sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos."

"Da serra azul, onde a palmeira medra,

Onde paira a neblina, se deriva,
A gotear de lisins de esconsa pedra,
Um fio de água viva.”

O Parnasianismo caracterizou-se por:

- a) culto de forma, esteticismo, sobriedade.
- b) reação contra a poesia individualista, reposição dos ideais clássicos da Arte, tendência ao mistério e retratação de estado de alma.
- c) impassibilidade, correção de versos, explosões de sentimento.
- d) objetividade, universalidade, exaltação de tradições.

Assinale a alternativa verdadeira sobre Raimundo Correia:

- a) Destacou-se pela produção de hinos patrióticos.
- b) Seu amor às palmeiras deu-lhe o cognome de “Poeta das Palmeiras.”
- c) A tônica principal de sua poesia é a preocupação existencial.
- d) Poeta do amor, é muito claro na exposição dos sentimentos.

Sobre Emílio de Menezes é lícito afirmar:

- a) Foi lírico e satírico, demonstrando grande preocupação com a morte.
- b) Sua leitura é fácil e o vocabulário acessível.
- c) Destacou-se após a morte, quando foi deveras valorizado.
- d) Enquanto vivo, não era apreciado por seus coetâneos.

É correto dizer-se a respeito de Olavo Bilac que:

- a) sua poesia, rica em símbolos, é marcada por um extremo misticismo; por isso, abstém-se de exprimir a sensualidade das paixões carnis.
- b) durante a revolução modernista, sua poesia foi citada como um exemplo digno de ser imitado, pela despreocupação quanto à forma.
- c) ao contrário de outros parnasianos, não apresenta em sua poesia traço algum da temática greco-latina.
- d) em sua obra encontra-se, a par da poesia lírica-amorosa, poesia patriótica e de cunho épico.
- e) apesar de exaltar as virtudes da Língua Portuguesa, sua poesia apresenta erros gramaticais advindos do arrebatamento da inspiração criadora.

Não caracteriza a Estética Parnasiana:

- a) o culto da forma;
- b) a impassibilidade;
- c) o descritivismo;
- d) o culto do vago e do impreciso;
- e) n.d.a.

Dedicou-se à vida literária e ao jornalismo, tendo abandonado os estudos, depois de tentar os cursos de Medicina e Direito. Poeta emocional, sua poesia apresenta lirismo amoroso. Patriota vibrante, nacionalista fulgurante e autor da letra do “Hino à Bandeira”:

- a) Álvares de Azevedo;
- b) Olavo Bilac;

- c) Gonçalves Dias;
- d) Castro Alves;
- e) Raimundo Correia.

Análise de Texto

Musa Impassível

“Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um Job, conserva o mesmo orgulho;
e diante De um morto, o mesmo olhar e sobreceño
austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d’ouro, a imagem atrativa;
A rima cujo som, de uma harmonia creba,
Cante aos ouvidos d’alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos”.

Francisca Júlia

Job - personagem bíblico que significa aquele que sofre, aquele para quem a vida é provação;

Sobreceño - semblante severo;

Idílico - amoroso;

Descante - canto;

Anguiforme - que tem a forma de serpente;

Dante - grande poeta italiano renascentista, autor da *Divina Comédia*;

Marcial - relativo à guerra;

Homero - poeta grego, a quem são atribuídas as principais epopeias da Grécia Antiga: a *Ilíada* e a *Odisseia*; Hemistíquio - a metade de um verso alexandrino (de doze sílabas métricas), e por extensão, de qualquer verso;

Creba - repetida;

Calhau - fragmento de rocha dura, pedra solta, seixo.

Ao longo do soneto, o eu lírico tem como interlocutora a sua musa, isto é, a sua fonte de inspiração artística. Quais as características da musa, presentes no primeiro quarteto?

Ainda de acordo com essa estrofe e com os dois versos iniciais do segundo quarteto, que comportamento a musa deve rejeitar para manter suas características?

Tais comportamentos lembram que estilo literário? Por quê?

A “musa impassível” parnasiana é fundamentalmente antirromântica. Como o título e os seis versos iniciais do poema justificam a 1ª parte dessa afirmação?

Identifique e comprove três características parnasianas do texto.

Agora, compare os estilos das Escolas da segunda metade do Século XIX: de um lado o Realismo e o Naturalismo e, de outro, o Parnasianismo. Encontre uma semelhança e uma diferença entre eles.

Análise de texto

Crescente de Agosto

Alteia-se no azul aos poucos o crescente,
o ar embalsama, os cirros leva, o escuro afasta;
vasto, de extremo a extremo, enche a alameda vasta
e emborca a urna de luz nas águas da corrente.

Na escumilha da teia, onde a aranha indolente
dorme, feita de orvalho, uma pérola engasta.
Faz aos lírios mais branca a flor cetínea e casta,
mais brancos os jasmims e a murta redolente.

Faz chorar um violão lá não sei onde...
(A ouvi-lo, na calada da noite um não-sei-quê me invade).
Faz que haja em tudo um como estranho espasmo e
enlevo;

faz as coisas rezar, ao seu clarão tranquilo,
faz nascer dentro em mim uma grande saudade,
faz nascer da saudade estes versos que escrevo.

Alberto de Oliveira

Desenvolva uma análise formal do poema:

a) Esquema métrico:

b) Esquema rítmico:

c) Figuras de linguagem:

d) Linguagem:

Aponte características parnasianas no poema, comprovando com passagens do texto:

Nos dois últimos tercetos ocorrem certas características que vão de encontro aos ideais estéticos do Parnasianismo. Detecte-os e comente.

Um dos ideais parnasianos é atingir a perfeição formal, mesmo que em detrimento do conteúdo. Analisando essa questão, explique o último terceto.

Simbolismo

Quadro Histórico

Em fins do ano de 1880, o mundo ocidental passa por transformações culturais, sociais e políticas. A França, como centro irradiador de cultura, derrotada na guerra contra a Alemanha. A derrota compromete um mundo de ideias e concepções. As proposições científicas e o predomínio da razão sobre os sentimentos, tão caros ao Realismo, sofrem uma revisão. Como consequência, a arte tende ao abandono da objetividade e retoma as posições de ordem subjetiva do Romantismo. Os anseios, as aspirações individuais e coletivas, difundidas através de várias gerações, afloram.

A Reação Estética

Um grupo de intelectuais franceses-Baudelaire, Verlaine, Rimbaud e Mallarmé - rebelou-se contra o racionalismo materialista e cientificista até então reinante nas artes em geral, durante o império realista.

Os realistas brasileiros começaram a sentir que o seu ideário se esgotava, impondo-se a escolha de novos caminhos para a arte. No fim dessa década, realizaram-se as grandes esperanças dos realistas brasileiros: a abolição da escravatura e a conquista republicana. Sem outras finalidades a que pretender, a escola esvaziou-se rapidamente e caiu num artificialismo estéril. Também a desilusão com o cientificismo e materialismo motivou o aparecimento de uma nova tendência, de caracteres opostos aos do Realismo, que amava o abstrato e o imaterial, voltada para o mundo interior: o Simbolismo.

A interpenetração das técnicas realistas e simbolistas chegou a produzir uma nova estética, que é responsável mais direta pela transição para o Modernismo posterior. Essa estética se chama impressionista, porque os escritores procuram manifestar as impressões que a realidade lhes causa. Aparece-nos assim o aspecto conflitante, ambíguo do Impressionismo: a realidade a que eles se referem é objetiva (característica realista), mas a impressão, que o escritor tem dela, é subjetiva (característica simbolista).

Para o impressionista, a realidade ainda é o ponto de partida da arte, mas é preciso retratá-la sob o prisma pessoal do artista, que a isola num único momento dado: se a realidade é a origem da obra de arte, o que importa transmitir são as sensações causadas ao artista por essa mesma realidade, que se transforma em pano de fundo da obra de arte.

Não obstante esse fato, o Simbolismo foi uma reação contra o Parnasianismo, que privava a poesia de sua essência de liberdade e singeleza criadora e a tornara demasiadamente formal, artesanal e exterior.

Historicamente, o movimento simbolista tem suas raízes profundas nos traços que haviam permanecido subjacentes durante a escola realista, naturalista e parnasiana. Por isso, os poetas que, a princípio, adotaram as ideias de Baudelaire, Verlaine e Mallarmé, como reação à poesia parnasiana, passaram a ser chamados de decadentes ou, ainda, nefelibatas (habitantes das nuvens). Em 1886, Jean Moréas sugeriu a troca do termo decadente por simbolista. A partir de então, Simbolismo foi o termo consagrado para designar a nova escola.

A filosofia de vida dos simbolistas se prendeu aos novos tratados, aparecidos na época, e francamente contrários aos princípios realistas. Receberam muitas influências dos filósofos: Hartmann (1842-1906), cuja obra indicava o inconsciente como o grande princípio vital do mundo: *Filosofia do Inconsciente* (1869); Schopenhauer (1778-1860), que afirmava o predomínio da vontade universal sobre a vontade individual, resultando o mundo numa representação: O mundo como vontade e representação; Bergson: Ensaio sobre dados imediatos da consciência.

As ideias realistas cederam diante das novas atitudes idealistas e metafísicas, vencidas por um misticismo crescente. Assim, tínhamos os dois pontos necessários para o surgimento da nova

escola artística: um princípio filosófico, tendendo para o espiritualismo e para a mística, e um estilo de época, determinado pela regra de Verlaine: a música, em primeiro lugar.

Características

As características do Simbolismo dependem diretamente do misticismo filosófico, impondo ao artista a solidão e a personalidade absoluta da arte, o desarranjo dos contornos e a dubiedade do conjunto. O Simbolismo é, sobretudo, um estado de espírito perturbador e confuso, agoniado e solitário. Na arte literária, essas características se realizam pelo predomínio de musicalidade do verso sobre a estrutura do assunto, da sugestão sobre a alusão, do indireto sobre o direto, conduzindo o poeta, da metáfora para a alegoria, entendida como conti-nuação metafórica.

Vamos detalhar algumas características principais:

1. Subjetivismo:

Esta é uma característica própria de escolas anteriores que valorizam o mundo interior do indivíduo. O Simbolismo vai além do subjetivismo dos românticos (início do século XIX) pretendendo atingir as áreas do subconsciente e do inconsciente. Os textos que surgiam, portanto, revelavam-se poesia “difícil”, embrenhando-se nas zonas mais ensombrecidas do eu e das emoções. O eu profundo torna-se o tema preferido dos simbolistas que, divisando novas instâncias da existência, encontra abismos: “vastidões supremas”, “prisões colossais”, “portas do mistério”; manifesta os desejos íntimos: “boca para deleites e delírios da volúpia carnal”; visão pessoal e sombria do mundo: “os miseráveis, os rotos são as flores dos esgotos”, “toda alma num cárcere anda presa”, “esta profunda e intérmina esperança”.

2. Conteúdo Irracional:

Os simbolistas, ao voltarem para dentro do seu “ego”, iniciam uma viagem interior de imprevisíveis resultados. Invadindo o universo íntimo de cada um, em que reina o caos e a anarquia e, na tentativa de trazer este universo ao homem comum, compuseram poemas extremamente vagos e complexos; imprecisos e, não raro, ilógicos e indecifráveis. Devido a isto, os poetas desta época foram chamados de “Nefelibatas”, isto é, sonhadores quanto aos ideais, nebulosos quanto ao conteúdo e inatingíveis quanto à linguagem.

“Nos Santos óleos do luar, floria
teu corpo ideal, com o resplendor da Helade...
E em toda a etérea, branda claridade
como que erravam fluidos de harmonia.”

Em sonhos...

“Desta torre desfraldam-se altaneiras, por sóis de céus
imensos broqueladas, bandeiras reais, do azul das
madrugadas e do íris flamejante das poncheiras.”

Torre de Ouro

Por isso, diante de um texto simbolista, é necessário que o leitor se disponha mais a sentir a musicalidade, a sugestão, do que se preocupar em apreender a ideia, a mensagem, o que nem sempre possível.

3. Musicalidade:

O Simbolismo, libertando a palavra de sua carga lógica, descobriu uma grande afinidade entre POESIA e MÚSICA. A música conduz vivamente as emoções (tão íntimas e complexas) de quem compõe a quem a ouve. As palavras, por isso, são escolhidas pela sonoridade, valendo-se das aliterações, assonâncias, ecos, rimas de toda sorte:

“Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Vozes veladas, veludasas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas”.

Violões que Choram

Cabe explicar ainda que aliteração é o uso repetido de um mesmo fonema para sugerir um som que aproxime a linguagem do conteúdo.

Observe na 1ª estrofe (Violões que Choram), o uso excessivo das nasais (m e n) provocando um som “fechado”, “arrastado”, “pesado” indo de encontro ao sofrimento das almas; e na 2ª estrofe a repetição do (v e z) sugerindo serenidade e provocando musicalidade.

Assonância é o uso repetido das mesmas vogais tônicas em palavras diferentes:

“Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...”

Antífona

Para entender melhor estas características, observe o que diz o poeta Verlaine neste fragmento de *Arte Poética*.

“Antes de qualquer coisa, a música e, para isso, prefere o ímpar mais vago e mais solúvel no ar sem nada que pese ou que pouse preciso também que não vás nunca escolher tuas palavras sem ambiguidade nada mais claro que a canção cinzenta onde o Indeciso se junta ao Precioso”

4. “Sugerir e não nomear”:

Segundo Mallarmé, “Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema que é feito da felicidade de adivinhar pouco a pouco”. Em outras palavras, os poetas simbolistas faziam poesia para ser sentida e não compreendida ou explicada; o leitor deve abandonar-se às emoções e às intuições. E, para permitir uma leitura múltipla de seus poemas, usaram a polivalência da metáfora (substituição do significado natural de uma palavra, por exemplo, Felisberto é um touro), e os símbolos (Amor, Sonho, Dor, Sombra) usados, assim, em maiúsculo, como a indicar a infinitude da ideia, a plurivalência, o que de universal se pode extrair deles:

“Mas hoje o Diabo já senil, já fóssil,
de sua criação desiludido,
perdida a antiga ingenuidade dócil
chora um pranto noturno de Vencido”

A Flor do Diabo

“Pelas regiões tenuíssimas da bruma
vagam as Virgens e as Estrelas raras...”

Carnal e Místico

Todos esses recursos atendem ao desejo de encontrar uma nova linguagem, já que a tradicional não se coadunava com os propósitos de expressar o mundo enigmático que emana do interior do poeta. Surge na poesia um arsenal metafórico, uma sintaxe especial, combinações vocabulares, uso de cores e conotações impressionantes, capazes de traduzir as novas concepções.

5. Concepção mística da vida:

A poesia permite inventar “sonhos e visões”, que libertam; o universo é etéreo, fluido, inefável. Os corpos não têm lugar para se manifestarem. A sensualidade não se corporifica, é desejo suspenso:

“O ventre em pinchos, empinava todo como réptil
objeto o lodo, espolinhando e retorcido em fúria.
Era a dança macabra e multiforma de um verme estranho,
colossal enorme do demônio sangrento da luxúria.”

Dança do Ventre

“Se tens sede de Paz e d’Esperança,
se estás cego de Dor e de Pecado, valha-te o Amor,
o grande abandono, sacia a sede com amor, descansa.
O coração que é puro e que é contrito,

se sabe ter doçura e ter dolência, revive nas estrelas do
Infinito.

Revive, assim, fica imortal, na essência dos anjos paira,
não desprende em grito e fica, como os Anjos, na
Existência.”

A Grande Sede

6. Sinestesia (fusão de sensações):

Na poesia simbolista, é comum a ocorrência de sinestesia, que permite ao poeta a expressão de estados do inconsciente, em que as imagens se associam em planos nem sempre lógicos, como no sonho. Uma ideia pode despertar várias sensações.

“Tarde de olhos azuis e de seios morenos.
tarde linda, ó tarde doce que se admira,
Como uma torre de pérolas e safira.

tarde como quem tocasse um violino.
Tarde como Endimion, quando ele era menino
Tarde em que a terra está mole de tanto beijo,
Porém querendo mais, nervosa de desejo...”

Emiliano Pernetá

O Simbolismo no Brasil

Nada havia, no panorama cultural do Brasil, que pudesse sustentar semelhante renovação literária; raros grupos sociais se dispuseram a consumir essa poesia que conviveu, paralelamente, com o Parnasianismo e foi por este contaminado, constituindo-se o Simbolismo como movimento subterrâneo de nossas letras. Valorizando a mais fina sensibilidade, o Simbolismo não fez sentido ao burguês que não o entendeu e nem o atualizou, fazendo com que o movimento cedo perdesse a vitalidade e seus representantes mais expressivos vivessem à margem da sociedade e da vida literária.

O Simbolismo brasileiro acompanhou as manifestações literárias de Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e Rimbaud e teve como centros principais o Rio de Janeiro e Curitiba, embora tenha também aparecido em outros lugares, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Há uma diferença muito grande entre o nosso movimento brasileiro e o português ou francês: nessas terras, o prestígio simbolista sobrepujou o movimento realista, venceu-o, acabou com ele; o Modernismo, mais tarde, virá chocar-se com as últimas tendências do Simbolismo, tanto na França, quanto em Portugal. No Brasil, ao contrário, o Modernismo ainda lutava com as tendências realistas, principalmente com os últimos parnasianos, porque a vitória do Simbolismo brasileiro foi efêmera, não passou de um ligeiro hiato, de uma libertação circunscrita a dois únicos grandes escritores: Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. Simbolismo e Parnasianismo concorreram na mesma época no Brasil; aquele abafou as manifestações deste por pouquíssimo tempo, mas cedeu, logo depois, diante de uma maioria insensível ao misticismo simbolista; e o Parnasianismo continuou. É claro que, embora desaparecido, o Simbolismo afetou a produção dos últimos realistas, cuja obra ultrapassa os princípios fundamentais da escola, mas ainda não chega a confundir-se com os ideais simbolistas; ficam a meio caminho entre as duas tendências artísticas, sem realizarem integralmente nenhuma das duas. Para estes, serve o meio termo a que nos referimos ao expor as atitudes simbolistas: foram escritores impressionistas, como Raul Pompeia e Graça Aranha.

O manifesto simbolista data de 1891, lançado na “Folha Popular”, jornal carioca, sob a responsabilidade de Emiliano Pernetá, seguido dois anos depois, 1893, pelos dois livros de Cruz e Sousa, que impuseram vitoriosamente o novo movimento: *Missal* (poesia em prosa) e *Broquéis* (em verso).

O movimento vai até 1902 quando Euclides da Cunha lança *Os Sertões*, que vai inaugurar o novo credo: Pré-Modernismo.

Principais Autores do Simbolismo

João da Cruz e Sousa - (Florianópolis, 1861 - 1898) (Cisne Negro) – Nasceu em Florianópolis, sendo filho de pai escravo e mãe alforriada. A educação e o nome (Sousa) recebeu-os do Marechal de Campo Guilherme Xavier de Sousa, a quem seus pais serviam. Inicialmente sua poesia foi influenciada pelo Romantismo de veio contestador (Castro Alves) e pelo ideário realista de crítica social. Porém, tais influências foram cedendo lugar à cosmovisão simbolista mais voltada à poetização de verdades existenciais-subjetivas. Casou-se com a negra Gavita e seus desgostos agravam-se com o casamento. Sua vida transforma-se numa luta contra a miséria e a infelicidade: poucos reconhecem seu valor como poeta; a esposa enlouquece, a pobreza e a humilhante condição de negro o sufocam; a tuberculose ataca seus filhos, matando dois. A mesma moléstia lhe é fatal em 1898.

Características

Sua poesia carrega-se de impulsos pessoais e dos sofrimentos ocasionados pela miséria, pelo desprezo e por sua condição racial.

Sua poesia era a sua vida porque, através dela, podia levantar-se na escala social, beneficiando-se do seu engenho e ombrear-se com os brancos que lhe admiravam o gênio. Dois assuntos predominaram em sua obra:

✓ a penetração no seu íntimo, desvendando um mundo de amargura, tanto mais comovente quanto era real o sentido de solidão que sentia, negro numa terra de escravocratas. Seu mundo interior é selvagem e sombrio;

✓ a visão das coisas, procurando uma significação para o mundo, onde via a miséria e a desgraça, a injustiça e a dor. Um mundo exterior que equivalia ao seu mundo interior, uma projeção apenas do seu íntimo.

Seu verso delira em sons e cores, altamente dramático, poucas vezes obscuro, mas sempre místico, extraterreno, quase surrealista, cheio de visões que o torturavam e magoavam intensamente.

O poeta canta o estigma de sua raça e se deixa seduzir pelas formas brancas. O poema "Antífona" expressa a obsessão e o fascínio pelas cores alvas. A poesia reflete a consciência obcecada do poeta mediante a fusão de todas as sensações: cor, som, cheiro, tato e paladar. Sua comunicação com o leitor culto é extraordinária, porque tem máxima capacidade de expressão para os mistérios da vida, antes através da música e símbolos que da ordenação lógica do pensamento.

Dentro do Simbolismo, sua obra significa tanto quanto a de qualquer poeta nacional ou estrangeiro por sua pungente irmanação com o sofrimento. Produziu uma poesia que procura expressar o elemento transcendente, vago, nebuloso da vida.

Há três momentos na poesia de Cruz e Sousa:

O primeiro correspondente aos livros *Missal e Broquéis*, nos quais o poeta, deixando antever a crise existencial latente que iria explodir mais tarde, embala-se num sensualismo espiritual ou platônico (época do seu noivado com Gavita), mas já de mistura com temas trágicos, próprios da condição humana.

Carnal e Místico

Pelas regiões tenuíssimas da bruma
Vagam as Virgens e as Estrelas raras...
Como que o leve aroma das searas
Todo o horizonte em derredor perfume.

N'uma evaporação de branca espuma
Vão diluindo as perspectivas claras...
Com brilhos crus e fúlgidos de tiaras
As Estrelas apagam-se uma a uma.

E então, na treva, em místicas dormências
Desfila, com sidéreas lactescências,
Das Virgens o sonâmbulo cortejo...

Ó Formas vagas, nebulosidades!
Essência das eternas virgindades!
Ó intensas quimeras do Desejo...

Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luars, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades
Que fuljam, que na Estrofe se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...
Que brilhe a correção dos alabastros
Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas passa
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões álacres,
Desejos, vibrações, ânsias, alentos,
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas
De amores vãoos, tantálicos, doentios...

Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...

Vocabulário:

antífona: versículo recitado ou cantado, antes ou depois de um salmo. No caso, é a poesia que abre o livro *Broquéis*, transformando-se numa espécie de síntese da obra do poeta. **turíbulo:** vaso onde se queima incenso. **ara:** altar.

mávida: úmida, molhada pelo orvalho.

dolência: mágoa, lástima, lamento, dor.

ocaso: pôr do sol.

réquiem: 'descanso', 'repouso', a encomendação de um morto; parte do ofício fúnebre.

surdina: pequena peça que se adapta a um instrumento para abafar a sonoridade ou alterar o timbre.

flébil: choroso, lacrimoso.

volúpico: o mesmo que voluptuoso; que causa prazer sensual.

inefável: encantador; que não se pode exprimir por palavras.

edênico: relativo a Éden, paradisíaco.

diafaneidade: qualidade do que é diáfano, isto é, translúcido, transparente.

fulgir: resplandecer, sobressair, ter fulgor, brilhar.

alabastro: rocha branca e translúcida.

eflúvio: emanção invisível, exalação.

éter: o espaço celeste.

alacre: alegre, jovial.

fulva: amarelada, dourada.

tantálico: de Tântalo, ser mitológico que, por roubar os manjares dos deuses para dá-los a conhecer aos homens, foi condenado pelos deuses a jamais alcançar a água e alimentos, que se afastavam à medida que ele se aproximava; por extensão, desejado e inacessível.

turbilhão: remoinho de vento; aquilo que impele violentamente.

quimérico: irreal.

tropel: desordem, balbúrdia.

cabalístico: misterioso; místico; secreto.

O segundo momento (1896), corresponde aos livros *Evocações* (poesia em prosa) e *Faróis* (em verso), quando predominam a revolta e o desespero, agravados pela morte do pai e a loucura da esposa. A tragédia existencial ou metafísica, que se iniciara anteriormente, toma corpo e se instala definitiva. Os temas agora giram em torno da morte, dos soluços e lamentos, da solidão, do tédio, da humilhação.

Nesta fase acentua-se, também, a sedução do poeta pelos seres marginais à sociedade. Os loucos, os rotos, os vadios, os miseráveis, os suicidas exercem certo fascínio sobre o poeta. Esta tematização do elemento marginal pode ser explicada pelo viés do Simbolismo, movimento de fundo romântico, ligado à face obscura e maldita da sociedade, quanto pelo viés pessoal do poeta em virtude de sua condição de "emparedado" pela cor e pela condição social humilde. A seguir comprovamos essa interpretação:

Litania dos Pobres

“Os miseráveis, os rotos
são as flores dos esgotos.
São espectros implacáveis
os rotos, os miseráveis.
São prantos negros de furnas
caladas, mudas, soturnas.
São os grandes visionários
dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
cegos, a tatear nas portas.
Procurando o céu, aflitos
e varando o céu de gritos.
Faróis à noite apagados
por ventos desesperados.
Inúteis, cansados braços
pedindo amor aos Espaços.
Mãos inquietas, estendidas

ao vão deserto das vidas.
Figuras que o Santo Ofício
condena a feroz suplício.
Arcas soltas ao nevoento
dilúvio do Esquecimento.
Perdidas na correnteza
das culpas da Natureza.
pobres! Soluços feitos dos pecados
imperfeitos!
Arrancadas amarguras
do fundo das sepulturas.
Imagens dos deletérios,
imponderáveis mistérios.
Bandeiras rotas, sem nome,
das barricadas da fome.
Bandeiras estraçalhadas
das sangrentas barricadas.
Fantasmas vãos, sibilinos
da caverna dos Destinos!
pobres! o vosso bando é tremendo, é
formidando!
Ele já marcha crescendo,
o vosso bando tremendo...
Ele marcha por colinas,
por montes e por campinas.
Nos areiais e nas serras
em hostes como as de guerras.
Cerradas legiões estranhas
a subir, descer montanhas.
Como avalanches terríveis
enchendo plagas incríveis.
Atravessa já os mares,
com aspectos singulares.
Perde-se além nas distâncias
a caravana das ânsias.
Perde-se além na poeira,
das Esferas na cegueira.
Vai enchendo o estranho mundo
com o seu soluçar profundo.
Como torres formidandas
de torturas miserandas.
E de tal forma no imenso
mundo ele se torna denso.
E de tal forma se arrasta

por toda a região mais vasta.

E de tal forma um encanto
secreto vos veste tanto.
E de tal forma já cresce
o bando, que em vós parece.
Pobres de ocultas chagas lá das mais
longínquas plagas!
Parece que em vós há sonho
e o vosso bando é risonho.
Que através das rotas vestes
trazeis delícias celestes.
Que as vossas bocas, de um vinho
prelibam todo o carinho...
Que os vossos olhos sombrios
trazem raros amavios.
Que as vossas almas trevosas
vêm cheias de odor das rosas.
De torpores, d'indolências
e graças e quint'essências.
Que já livres de martírios
vêm festonadas de lírios.
Vêm nimbadadas de magia,
de morna melancolia!
Que essas flageladas almas
reverdecem como palmas.
Balanceadas no letargo
dos sopros que vêm do largo...
Radiantes d'ilusionismos,
segredos, orientalismos.
Que como em águas de lagos
boiam nelas cisnes vagos...
Que essas cabeças errantes
trazem louros verdejantes.
E a languidez fugitiva
de alguma esperança viva.
Que trazeis magos aspeitos
e o vosso bando é de eleitos.
Que vestes a pompa ardente
do velho Sonho dolente.
Que por entre os estertores
sois uns belos sonhadores.”

Violões que Choram

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
noites de solidão, noites remotas
que nos azuis das Fantasias bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,
quando os sons dos violões nas cordas gemem,
e vão dilacerando e deliciando,
rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,
dedos nervosos e ágeis que percorrem
cordas e um mundo de dolências geram,
gemidos, prantos, que no espaço morrem...

E sons soturnos, suspiradas mágoas,
mágoas amargas e melancolias,
no sussurro monótono das águas,
noturnamente, entre ramagens frias.

Vozes veladas, veludasas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas,
vagam nos velhos vórtices velozes
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

O terceiro momento reflete resignação e fé, representado pela obra *Últimos Sonetos*, publicados em 1905. A revolta e o desespero cedem lugar a um período de resignação e fé, da sublimação das misérias humanas e apresenta o espírito de renúncia conquistado pelo poeta. O tom de confiança absoluta na salvação pelo exercício da “vida obscura” e pelo percurso da “via dolorosa” está presente nos sonetos a seguir, pertencentes à última fase da poesia de Cruz e Sousa.

Sorriso Interior

O ser que é ser e que jamais vacila
Nas guerras imortais entra sem susto,
Leva consigo esse brasão augusto
Do grande amor, da nobre fé tranqüila.

Os abismos carnis da triste argila
Ele os vence sem ânsias e sem custo...

Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe essa glória em frente à Natureza,
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser tranforma tudo em flores...
E para ironizar as próprias dores
Canta por entre as águas do Dilúvio

Caminho da Glória

Este caminho é cor de rosa e é de ouro,
Estranhos roseirais nele florescem,
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro
Pelo qual tantas almas estremezem;
É por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,
Neste celeste, límpido caminho,

Os seres virginais que vêm da Terra,
Ensanguentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho.

Alphonsus de Guimaraens (Ouro Preto, 1870-1921) – Alphonsus Henrique da Costa Guimaraens é outro nome de expressão do Simbolismo brasileiro. Exceto pelo abalo sentimental que teve aos 16 anos com a morte da prima Constança que amava, teve uma vida tranquila e que se reflete na sua obra.

A poesia de Alphonsus de Guimaraens é mansa, dolente, amarga, mas suave, sem os toques trágicos do poeta negro (Cruz e Sousa), a quem tanto admirou. Simbolista por excelência, seus poemas caracterizavam-se pela musicalidade, vocabulário expressivo e anunciam uma busca da perene espiritualização.

Obras

Em *Setenário das Dores de Nossa Senhora*, o lirismo religioso nos revela o fascínio perante as verdades do Cristianismo, mas impregnado na contemplação mística da mulher, bem longe da sensualidade parnasiana de Bilac; *Dona Mística* (1899); *Kiriale* (1902); uma obra póstuma: *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte* (1923).

Além do lirismo religioso e do amoroso, Alphonsus tem a preocupação com os mistérios da existência, procurando fugir à desgraça e à dor, solitário na sua fantasia. Sua poesia é marcada também pelo medievalismo (fuga para o mundo da fantasia onde poeta consegue realizar-se como o cavaleiro medieval ou como o trovador das cantigas de amor, ou ainda, como o espírito que vagueia no Éden). Dois polos sobressaem-se em sua temática: o amor e a morte.

A Catedral

Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu risonho,
Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a bênção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho,
Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
E a catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.

E o sino geme em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Vocabulário

Bruma: nevoeiro, neblina.

Hialino: que tem a aparência do vidro ou a transparência do vidro.

Arrebol: coloração avermelhada do nascer ou do pôr do sol.

Ebúrnea: de marfim; que tem a aparência do marfim.

Lúgubre: triste, fúnebre.

Responso: versículo rezado ou cantado alternadamente pelos dois coros, ou pelo coro e por um solista depois da leitura de determinados textos litúrgicos.

Esquivo: arisco, intratável.

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...

Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão — "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria. . ."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"

Soneto XIV

Quem deixa o trato pastoril amado
Pela ingrata, civil correspondência,
Ou desconhece o rosto da violência,
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos transladado
No gênio do pastor, o da inocência!
E que mal é no trato, e na aparência
Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira amor sinceridade;
Aqui sempre a traição seu rosto encobre;
Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna, que soçobre;
Aqui quanto se observa, é variedade:
Oh ventura do rico! Oh bem do pobre!

Ismália

“Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda de luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...
E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar.”

Exercícios

Qual o tema do poema?

Localize algumas antíteses no texto.

Qual o desejo contraditório de Ismália?

Aponte características simbolistas no poema.

Emiliano Pernet (1866 -1921) – considerado introdutor do Simbolismo no Brasil por suas atividades na “Folha Popular”, jornal em que publicou os primeiros manifestos simbolistas. Amigo fraterno de Cruz e Sousa, sua poesia pode ser considerada expressionista, às vezes contendo um clima satânico por influência do poeta francês Baudelaire e do próprio Romantismo que subjaz ao Simbolismo. Sua produção poética também mostra um homem arrastado pelo desejo intenso de conhecer o próprio fim. Poeta paranaense, impôs-se aos conterrâneos como exemplo e modelo. Formado em Direito, desempenhou, em Curitiba, a advocacia, o jornalismo e o magistério como homem de letras. Escreveu: *Músicas* (1888), *Inimigo*, *Ilusão* e *Setembro*. Sua prosa ainda está inédita e a poesia de Emiliano Pernet, lida e valorizada por poucos, espera um estudo analítico à sua altura.

Ao cair da Tarde

Agora nada mais. Tudo silêncio. Tudo.
Esses claros jardins com flores de giesta,
Esse parque real, esse palácio em festa,
Dormindo à sombra de um silêncio surdo e mudo...

Nem rosas, nem luar, nem damas... Não me iludo,
A mocidade aí vem, que ruge e que protesta,
Invasora brutal. E a nós que mais nos resta,
Senão ceder-lhe a espada e o manto de veludo?

Sim, que nos resta mais? Já não fulge e não arde
O sol! E no covil negro desse abandono,
Eu sinto o coração tremer como um covarde!

Para que mais viver, folhas tristes de outono?
Cerra-me os olhos, pois, Senhor. É muito tarde.
São horas de dormir o derradeiro sono.

Corre mais que uma Vela

“Corre mais que uma vela, mais depressa,
Ainda mais depressa do que o vento,
Corre como se fosse a treva espessa
Do tenebroso véu do esquecimento.

Eu não sei de corrida igual a essa;
São anos e parece que é um momento;
Corre, não cessa de correr, não cessa,
Corre mais que a luz e o pensamento.

uma corrida doida, essa corrida.
Mais furiosa do que a própria vida,
Mais veloz que as notícias infernais...

Corre mais fatalmente do que a sorte.
Corre para a desgraça e para a morte.
Mas eu queria que corresse mais!”

Nesse poema, encontramos uma visão trágica da existência, que perpassa boa parte da obra do poeta. Podemos vê-lo como a síntese das suas ânsias de autodestruição.

Você agora vai preencher um quadro esquemático, um resumo que lhe dará uma visão global do assunto.

Simbolismo

Época/razão do surgimento:

Precursores:

Características:

Conteúdo:

Linguagem:

Forma:

No **Brasil**

Obra inaugural: autor/ano

Exercícios

Use (S) para as características simbolistas; (N) para as de outras escolas:

- () Subjetivismo, sentimentalismo;
- () Preocupação com o aspecto formal;
- () Linguagem figurada, musical, colorida e rica;
- () Volta-se para a “interpretação da realidade nacional”;
- () Fuga da realidade exterior;
- () Temática intimista;
- () Emprego do símbolo em toda a sua polivalência;
- () Subjetivismo anímico (da alma).

Qual a informação correta?

- a) Cruz e Sousa voltou toda a sua produção poética para a causa da libertação de sua raça. Cruz e Sousa foi, enquanto viveu, o ídolo da poesia da época.
- b) Podemos dividir a produção literária de Cruz e Sousa em duas partes: a primeira, em prosa e publicada em vida; a segunda, em verso, publicada depois da morte.
- c) Últimos Sonetos mostra Cruz e Sousa já conformado com a sua situação, tirando da dor e da condição em que se encontrava, inspiração para as suas obras.
- d) n.d.a

Não é tema de Alphonsus Guimaraens:

- a) Constança;
- b) Nossa Senhora;
- c) O Amor;
- d) A Morte;
- e) A Matéria.

Considerando a Escola Simbolista, assinale (C) para as afirmações certas e (E) para as afirmações erradas.

- () Fuga da matéria e a busca da região do espírito.
- () A perfeição da forma, seguindo determinados cânones clássicos.
- () Realidade criada num mundo de abstração do mundo objetivo, só compreendida pela natureza do espírito.
- () Predomínio do inconsciente, do que é misterioso, vago, indefinível.
- () Amor à exatidão que leva ao excesso de minúcias, valorizando o elemento descrito.
- () Uma poesia primitiva, natural, autêntica e completamente livre das peias tradicionais.

Com relação à escola simbolista, pode-se dizer que:

- a) os simbolistas reavivaram o culto da forma, na época esquecido, para recuperarem o seu lugar junto ao materialismo;

- b) as palavras começaram a adquirir valor de representação do sentimento e os versos revestiram-se de musicalidade, de maior sonoridade e de um caráter místico, perdendo a rigidez métrica;
- c) ausência de lirismo amoroso, que cede lugar a uma concepção mais realista da vida, condicionada pelas transformações sociais;
- d) rígida disciplina de sobriedade e contiguidade nas imagens, clareza sintático-semântica e repugnância à expressão de sentido vagamente encantatório.

Use V ou F (verdadeira ou falsa):

- () Cruz e Sousa nada produziu em prosa, embora a prosa, no Simbolismo, fosse importante.
- () O Simbolismo manifestou-se, na mesma época, em diversas cidades brasileiras.
- () O Simbolismo não aceitava a preocupação formal parnasiana, tanto que aboliu o soneto e outras formas tradicionais.
- () Por fuga da realidade exterior entendemos que o poeta se alheia do mundo que o cerca, voltando-se somente para seu mundo interior.

O Simbolismo teve no _____ um estilo de época coetâneo e que, na verdade, superou-o em popularidade e prestígio.

- a) Realismo;
- b) Naturalismo;
- c) Parnasianismo;
- d) Romantismo;
- e) Barroco.

Complete as frases com os conceitos adequados:

O país que deu origem ao Simbolismo no mundo foi _____.

No ano de _____, o Simbolismo brasileiro teve seu início com as obras: _____ (coletânea de poesias em prosa) e _____ (poesias em verso) da autoria de _____.

Os poetas simbolistas foram chamados de “decadentes ou _____” (habitantes das nuvens).

Numere a 2ª coluna pela 1ª de acordo com as fases de Cruz e Sousa:

- a) 1ª fase
- b) 2ª fase
- c) 3ª fase

- () O poeta resigna-se na fé.
- () O poeta embala-se num sensualismo espiritual ou platônico.
- () A tragédia existencial ou metafísica se instala com temas em torno da morte, dos lamentos, da solidão, do tédio e da humilhação.

Utilizando a convenção da pergunta anterior, diga a qual fase pertence cada estrofe de poemas de Cruz e Sousa:

() “Os miseráveis, os rotos São as flores dos esgotos. São espectros implacáveis Os rotos, os miseráveis.”

() “ Formas do Amor, consteladamente puras, De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...”

() “Neste caminho encontra-se o tesouro pelo qual tantas almas estremecem;
por aqui que tantas almas descem ao divino e fremente sorvedouro.”

Cite cinco características simbolistas.

Escreva o nome do poeta para completar as seguintes asserções:

“Dar nome a um objeto é aniquilar três quartos da fruição do poema, que deriva da satisfação de adivinhar pouco a pouco: sugerí-lo, evocá-lo, isto é que encanta a imaginação.”

A afirmação acima, do poeta francês Mallarmé, refere-se ao:

- a) Barroco;
- b) Arcadismo;
- c) Parnasianismo;
- d) Romantismo;
- e) Simbolismo.

Assinale, nas opções a seguir, a afirmação que se refere ao Simbolismo:

- a) Não se destina ao pensamento, dirige-se ao instinto, ao subconsciente.
- b) Dirige-se à razão; enfoca a realidade.
- c) Voltaram à baila os deuses esquecidos, as ninfas e os pastores enamorados.
- d) Estética de observação, de análise, de crítica social.

A literatura voltou-se para os temas nacionais.

“Que importa o número do verso, se o ritmo é belo?” Considerando a afirmação acima, assinale a relação que se aplica à mesma:

- a) Parnasianismo _____ arte;
- b) Romantismo _____ nacionalismo;
- c) Simbolismo _____ música;
- d) Arcadismo _____ bucolismo;
- e) Barroco _____ ideia.

Somente uma das afirmações não se refere ao Simbolismo:

- a) Desprezo pela natureza em favor do místico e do sobrenatural;
- b) Concepção objetiva da vida;
- c) Concepção mística da vida;
- d) Linguagem exótica, colorida;
- e) Conhecimento intuitivo.

Assinale a frase certa:

- a) No Simbolismo, os versos devem primar pela perfeição formal.
- b) O Simbolismo pouco traduz da realidade objetiva e o subjetivismo está presente.
- c) O Simbolismo retrata a sociedade brasileira da época.
- d) O Simbolismo preocupou-se em fazer poesia social.

e) O Simbolista é totalmente diferente do romântico.

Assinale a alternativa que contenha apenas características simbolistas:

- a) Rigidez formal, altamente descritiva, “arte pela arte”, largo uso do soneto;
- b) Idealização do herói, objetivismo, sentimentalismo, escapismo;
- c) Temática intimista, desvinculamento da realidade exterior, linguagem figurada;
- d) Volta à Antiguidade clássica, bucolismo e pastoralismo, linguagem simples;
- e) Fraqueza de conteúdo, supervalorização da forma, temática religiosa.

Marque a opção correta:

- a) Para o simbolista, a interiorização vale mais do que a exteriorização.
- b) O Simbolismo busca inspiração no mundo que o cerca.
- c) A linguagem simbolista deve ser precisa e denotativa.
- d) Os simbolistas libertam-se totalmente das técnicas parnasianas.
- e) Os poetas simbolistas foram, na grande maioria, famosos em vida.

Qual das características abaixo se aplica a Cruz e Sousa?

- a) Preferência por assuntos mórbidos: doenças e morte.
- b) Busca do transcendente, sentimento trágico da existência.
- c) Nele o amor e a morte são inseparáveis, um complementa o outro.
- d) Exalta o destino do homem e concita-o à luta.
- e) Transforma sua noiva, falecida precocemente, no símbolo da mulher ideal.

Palavras ligadas ao tema da morte, adjetivos vagos e imprecisos, vocabulário litúrgico, atmosfera de mistério, inovações métricas, musicalidade dos versos são traços básicos do período literário designado por:

- a) Romantismo;
- b) Parnasianismo;
- c) Simbolismo;
- d) Pré-Modernismo;
- e) Modernismo.

A temática de Cruz e Sousa, além da busca do transcendente, envolve de maneira bem nítida:

- a) a religiosidade angustiada;
- b) o sentimento trágico da existência;
- c) os sonhos líricos e sentimentais;
- d) a lembrança mística da mulher amada.

A poesia de Alphonsus de Guimaraens caracteriza-se:

- a) pela extrema perfeição formal, que a leva a ser considerada modelo da estética parnasiana.
- b) por exprimir uma visão específica da vida, a de que o homem precisa viver intensamente antes que a morte o aniquile.
- c) pelo misticismo e pela atmosfera de sonho e de mistério.
- d) pela obsessão da morte do filho único, exaltado num de seus poemas famosos.
- e) por ser repleta de símbolos filosóficos que retomam temas da Antiguidade medieval.

Análise de Texto

“Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - ‘Ai, nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria...’
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - ‘Por que não vieram juntos?’”

a) Qual a situação da amada no momento da escritura do poema? Baseado neste fato, descubra quem é o autor do poema.

A referência a estrelas poderia caracterizar o poema como de autoria de Olavo Bilac? A visão do elemento feminino condiz com formalização da mulher na poética deste poeta?

Que visão da natureza é veiculada no poema?

Há um sentimento de autocompaixão no texto. Explique-o.

Análise de Texto:

Creio!

“Eu creio! Pude crer. Ah! Finalmente pude,
Rompendo das paixões e o espesso torvelinho,
Vibrando de prazer as cordas do alaúde,
Ver a estrela da fé brilhar em meu caminho!

Eu sinto-me tão bem dentro deste alvo linho,
Que até me refluíu a graça e a saúde;
Ando quase a voar, sou quase um passarinho,
E penso que voltou a flor da juventude...

Que doirada ilusão! que divina loucura!

Só me arrebatava o olhar a luminosa altura,
Onde fulgem de amor todos os astros nus...

Beijo embriagador! Oh! fogo que me abrasas!
Quanto me faz febril a ideia de ter asas,
E de poder fugir para a infinita luz!”

Emiliano Perneta

Há nítida preocupação formal nesse poema simbolista. Comprove, analisando esquema métrico, rítmico, linguagem e figuras de linguagem.

Há subjetividade e espiritualidade no poema? Comente, utilizando-se de passagens do texto.

Ocorre no poema um descompasso entre conteúdo e forma à medida que o autor, para falar sobre o universo espiritual, utiliza-se de uma linguagem que apela para o sexual. Comente.
